

José Pereira da Silva
(org. e ed.)

MORFOSSINTAXE
DA LÍNGUA PORTUGUESA
Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 02
(SUPLEMENTO)



Faculdade de Formação de Professores
U E R J
São Gonçalo (RJ)
2002

S586m

Silva, José Pereira da, 1946–

Morfossintaxe da Língua Portuguesa / José Pereira da Silva. São Gonçalo (RJ) : Faculdade de Formação de Professores (UERJ), 2002. (Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 2: Suplemento)

92 p. ; 14 X 21 cm

ISBN 85.314-0601-3

1. Língua Portuguesa. 2. Gramática. 3. Histó-

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
COORDENAÇÃO DE PUBLICAÇÕES**

Reitora

Nilcéa Freire

Vice-Reitor

Celso Pereira da Sá

Sub-Reitor de Graduação

Isac João de Vasconcellos

Sub-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa

Maria Andréa Rios Loyola

Sub-Reitor de Extensão e Cultura

André Luís de Figueiredo Lázaro

Diretor do Centro de Educação e Humanidades

Lincoln Tavares Silva

Diretora da Faculdade de Formação de Professores

Mariza de Paula Assis

Vice-Diretor da Faculdade de Formação de Professores

Marco Antônio Costa da Silva

Chefe do Departamento de Letras

Flavio García de Almeida

Sub-Chefe do Departamento de Letras

Fernando Monteiro de Barros Júnior

Coordenador da Pós-Graduação em Língua Portuguesa

Afrânio da Silva Garcia

Coordenador de Publicações do Departamento de Letras

José Pereira da Silva

Editor dos Cadernos de Pós-Graduação em Língua Portuguesa

José Pereira da Silva

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO – <i>José Pereira da Silva</i>	05
MORFEMA ZERO E CASOS DE ALOMORFIA – <i>Elenir de Oliveira Machado</i>	07
TIPOS DE MORFEMAS – <i>Priscila Brügger de Mattos</i>	14
A COMPOSIÇÃO COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS EM PORTUGUÊS - <i>Adaete Abreu Loureiro, Alexandre Bandeira de Menezes, Jacqueline Saturnino de Souza Medeiros, Maria Guiomar Ramos e Raimunda Rodrigues da Costa</i>	20
ESTRANGEIRISMOS NA IMPRENSA – <i>Stalin Che Guevara S. Melo, Cacilda Barbosa Santiago, Terezinha Góes, Maria Francineide e Divaneusa Albuquerque</i>	31
ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE VOCÁBULOS EM PORTUGUÊS – <i>Almilene da Silva Freire, José Tadeu Silva Araújo, Gercineide Maia de Souza, Ozéias Moreira da Costa e Rainise Pereira Lima</i>	41
EXERCÍCIOS DE MORFOSSINTAXE – <i>Albetiza Rodrigues Vieira, Francisco Cláudio Lopes, Maria Aniceta Cacau Nunes, Rosilda Maria Oliveira da Cunha e Sérgio Torres dos Santos</i>	53
NEOLOGISMOS NA LINGUAGEM DO SERINGUEIRO ACREANO – <i>Evanéa Barros de Araújo e Girlânia de Souza Pereira Calderon</i>	72
O LÉXICO DO PORTUGUÊS: VOCÁBULOS PRIMITIVOS, DERIVADOS, SIMPLES E COMPOSTOS – <i>Alberlene S. Nogueira Oliveira, José Eudes de Moura, José Progênio Ribeiro e Valcilda Bezerra de Amorim</i>	80
ÍNDICE ONOMÁSTICO DOS AUTORES	92

APRESENTAÇÃO

A Coordenação de Publicações do Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro tem o prazer de apresentar este suplemento do segundo número dos *Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa*, que agora vem com trabalhos dos professores-alunos de Especialização em Língua Portuguesa desse Departamento e do Departamento de Letras da Universidade Federal do Acre, com alguns trabalhos que foram entregues depois do prazo da publicação, tratando especialmente de aspectos da morfossintaxe do idioma.

Os textos aqui divulgados correspondem a trabalhos finais apresentados como parte da avaliação de disciplinas oferecidas pelo redator desta apresentação, tendo-se usado o critério de disponibilizar o material apresentado digitalmente, na forma apresentada, fazendo-se apenas a editoração e diagramação e as revisões de praxe.

Como aqui se incluíram os trabalhos apresentados pelos alunos-professores da Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo (RJ) e pelos de Rio Branco, Sena Madureira e Cruzeiro do Sul, da UFAC, a relação é um pouco mais extensa porque os trabalhos ali realizados foram apresentados por grupos de alunos, visto que não seria possível a correção de noventa pequenas monografias.

Aqui vão publicados oito trabalhos, que são de autoria de:

Adaete Abreu Loureiro (p. 20), *Alberlene S. Nogueira Oliveira* (p. 80), *Albetiza Rodrigues Vieira* (p. 53), *Alexandre Bandeira de Menezes* (p. 20), *Almilene da Silva Freire* (p. 41), *Cacilda Barbosa Santiago* (p. 31), *Divaneusa Albuquerque* (p. 31), *Elenir de Oliveira Machado* (p. 07), *Evanéa Barros de Araújo* (p. 72), *Francisco Cláudio Lopes* (p. 53), *Gercineide Maia de Souza* (p. 41), *Girlânia de Sousa Pereira Calderon* (p. 72), *Jacqueline Saturnino de Souza Medeiros* (p. 20), *José Eudes de Moura* (p. 80), *José Progênio Ribeiro* (p. 80), *José Tadeu Silva Araújo* (p. 41), *Maria Aniceta Cacau Nunes* (p. 53), *Maria Francineide* (p. 31), *Maria Guiomar Ramos* (p. 20), *Ozéias Moreira da Costa* (p. 41), *Priscila Brügger de Mattos* (p. 14), *Raimunda Rodrigues da Costa* (p. 20), *Rainise Pereira Lima* (p. 41), *Rosilda Maria Oliveira da Cunha* (p. 53), *Sérgio Torres dos Santos*

(p. 53), *Stalin Che Guevara S. Melo* (p. 31), *Terezinha Góes* (p. 31) e *Valcilda Bezerra de Amorim* (p. 80).

Lembramos aos interessados que, no primeiro número desses *Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa*, foram publicados os seguintes trabalhos, voltados para o aspecto diacrônico dos estudos de Língua Portuguesa: “Evolução dos pronomes demonstrativos do latim ao português”, do Professor José Roberto de Castro Gonçalves; “A evolução dos tempos verbais”, da Professora Priscila Brügger de Mattos; “A formação dos pronomes na língua portuguesa”, da Professora Jupira Maria Bravo Pimentel; “A influência indígena nos topônimos do município de São Gonçalo”, da Professora Norma Cristina da Silva Moreira; “Contribuições Africanas nos Falares do Brasil”, da Professora Jaline Pinto da Silva; “Origem e uso do futuro do subjuntivo”, da Professora Patrícia Miranda Medeiros; “Provérbios: sabedoria de um povo – os provérbios e seus opostos”, da Professora Nadir Fernandes Rodrigues Cardote e “Permuta entre /b/ e /v/” e o Professor José Marcos Barros Devillart e ainda pode ser adquirido com o editor.

O organizador dos *Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa* não se responsabiliza pelas opiniões dos autores, que entregam os textos digitados para a específica finalidade de serem publicados e contribuem com a sua divulgação, adquirindo sempre um pequeno número de exemplares para que se cubram as despesas da publicação.

Aguardando as suas críticas e as suas sempre bem desejadas sugestões, a Coordenação de Publicações do Departamento de Letras promete levar absolutamente a sério todas as suas opiniões e corrigir todos os erros possíveis nos próximos números ou reedições, ressalvada a falta de recursos para uma publicação tecnicamente mais elaborada.

Atenciosamente,

José Pereira da Silva
Organizador e Editor

MORFEMA ZERO E CASOS DE ALOMORFIA

Elenir de Oliveira Machado (UERJ)

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende levantar alguns questionamentos a respeito da ocorrência do morfema zero Ø. É preciso estabelecer uma diferença entre morfema e morfe, pois essa noção de morfe em oposição a morfema será útil para a compreensão de alguns fenômenos como a alomorfia.

A questão da flexão em língua portuguesa ainda é motivo de muita discussão. Matoso Câmara abriu espaço para muitos questionamentos sobre a tradição gramatical; mas percebemos agora, em alguns aspectos, uma retomada de alguns pontos da gramática tradicional através de Evanildo Bechara e Valter Kehdi.

MORFEMA ZERO E CASOS DE ALOMORFIA

Classificação do morfema

O morfema zero está incluído na seguinte classificação segundo Valter Kehdi:

- 1) morfemas aditivos
- 2) morfemas subtrativos
- 3) morfemas alternativos
- 4) morfemas reduplicativos
- 5) morfema de posição
- 6) **morfema zero**

Conceito de morfema

Antes de explorar o morfema zero começarei com conceitos de morfema dados por alguns gramáticos:

Evanildo Bechara: “Chama-se morfema a unidade mínima significativa ou dotada de significado que integra a palavra”.

Rocha Lima: “A menor unidade significativa que pode figurar numa palavra”.

Matoso Câmara: “O elemento formal que se combina com o semantema (radical), constituindo um mecanismo gramatical por meio do qual o semantema passa a funcionar na comunicação lingüística.

Manoel Ribeiro (Gramática Aplicada da Língua Portuguesa, 7ª ed. Metáfora Editora) cita três tipos de morfemas:

a) categoriais: expressam as categorias gramaticais de uma língua (gênero, número, tempo, aspecto, modo, pessoa, etc.)

b) lexicais: são responsáveis pela formação de uma nova palavra (os prefixos e sufixos).

c) relacionais: relacionam elementos frasais (preposições, conjunções, pronomes relativos).

Morfemas categoriais

Os morfemas categoriais serão objeto de estudo nessa análise da ocorrência do morfema zero na Língua Portuguesa.

O morfema zero consiste na ausência de uma marca de oposição em relação a outro termo marcado. Evanildo Bechara diz ainda: “Só haverá morfema zero se a noção por ele expressa for inerente à classe gramatical em que ele ocorra”.

Ocorrência do morfema zero

São comuns na Língua Portuguesa as ocorrências de morfema zero na flexão nominal e verbal.

Flexão nominal

gênero **a** – feminino: menina

a) flexão nominal

número **s** – plural

Em relação à flexão de gênero existe uma forma marcada *-a* (feminina) e em oposição, uma forma não marcada \emptyset (Masculino). Em relação à flexão de número existe uma forma marcada *-s* (plural) e uma não marcada \emptyset (singular).

Flexão nominal de gênero (outras considerações)

Ainda há muitas discussões sobre a flexão de gênero; Matoso é categórico ao afirmar que não existe marca de masculino e sim uma ausência de desinência: morfema zero (\emptyset). Sendo o *-o* de *garoto*, *livro*, etc, uma vogal temática nominal. Se considerarmos o *-o* de *garoto* marca de gênero masculino, teríamos de considerar também o *-e* em *mestre*, porque ambos fazem oposição a *-a* em *garota* e *mestra*.

Evanildo Bechara (Moderna Gramática Portuguesa) afirma que em relação ao gênero, “no par alto/alta, a oposição de gênero aparece marcada nos dois termos mediante *-o* e *-a*”.

Nessa consideração em relação ao gênero, Bechara recorre à tradição gramatical, considerando *-o* masculino em oposição ao *-a* feminino.

Valter Kehdi nos convida a rever a posição do Matoso ao afirmar que quando se acrescenta a uma palavra feminina uma terminação que contenha *-o*, essa palavra passa a masculina.

Exemplos: mulher (fem.) / mulheração (masc.) - cabeça (fem.) / cabeçalho (masc.)

Valter Kehdi lembra ainda que o povo, em sua linguagem espontânea, cria formas masculinas sempre em *-o* (ex: coiso, corujo, etc.) e conclui que *-o* está intimamente associado à noção de masculino e não reduz a uma oposição \emptyset / *-a*, e sim, a uma oposição *-o* / *-a*. Afirma ainda que a desinência *-o* apresenta as variantes \emptyset (*peru* / *perua*, *autor* / *autora*) e *u* semivocálico (*uropeu* / *européia*; *mau* / *má*).

Sobre as considerações feitas por Valter Kehdi, sabemos que há uma tendência popular em associar o *-o* ao masculino (*tartarugo*, *colego*, etc.), o *-a* ao feminino (*cavala*, etc.) e alguns nomes terminados em *-e* acabam sendo neutros (*a* ou *o* hóspede *s.m.* e hóspeda *s.f.*). Há ainda certa dificuldade em associar certas palavras terminadas

em *-a* ao masculino (o grama - unidade de medida -, telefonema, etc.) e palavras terminadas em *-o* ao feminino (carrasco *s.m.*, usada popularmente da seguinte forma: carrasca *s.f.*. Nesse processo de escolha de desinência *-a* ou *-o*, às vezes ocorre na criação de neologismos (plugado, deletada, etc.).

Flexão nominal de número (outras considerações)

No par alto/altos, a noção de número plural, inerente à classe dos nomes, acha-se marcada pelo pluralizador *-s*, enquanto a noção de singular está marcada pela ausência de uma marca. Bechara considera esse como exemplo de um verdadeiro morfema zero Ø.

Em palavras paroxítonas terminadas em *-s* (**simples, lápis, ourives, etc.**), assim como Matoso, Valter Kehdi fala em alomorfe zero Ø. São nomes que permanecem invariáveis no singular e no plural e a identificação de número só acontece mediante à concordância. Ex.: lápis preto / lápis pretos.

O fato de termos em português mais de uma representação fonológica para exprimir o plural, não significa dizer que temos também mais de um morfema para exercer essa função. Em nomes terminados em consoantes, antes é preciso admitir que morfemas têm mais de uma configuração fonêmica. Além da configuração fonêmica /s/ em nomes como *gatos, mapas, etc.*, têm a configuração /es/ em nomes como *mares, cruzeiros, etc.*

A fim de considerar as várias configurações de um morfema dado, os linguistas postularam uma espécie de pseudomorfema chamado morfe. Os morfemas podem ser representados por um ou mais de um morfe. Os morfes são constituídos de fonemas e diferem um dos outros por terem diferentes sentidos ou diferentes realizações fonêmicas. Os vários morfes que representam um morfema são chamados alomorfes. Assim, consideramos que em *mares* e *cruzeiros*, foi acrescentado o alomorfe *-es* (da desinência *-s*) aos radicais *mar* e *cruz*.

Flexão verbal

Número pessoal: Singular: 1ª pessoa: Ø, -o, -i;/ 2ª pessoa: -s, -ste, -es, Ø (no imperativo afirmativo)/3ª pessoa: Ø, -u.

Plural: 1ª pessoa: -mos / 2ª pessoa: -is, -stes, -des, -i (imperativo afirmativo), -de (imperativo afirmativo) / 3ª pessoa: -m.

Modo temporal: Indicativo: presente: Ø/ pret. imperf. : -va-, -ve- (1ª conj.), -ia-, -ie- (2ª conj.) / pret. perf.: Ø (para as cinco primeiras pessoas), -ra- (3ª pes. do pl.)/pret. mais que perf.: -ra-, -re-/fut. do pres.: -rá-, -re-/fut. do pret.: -ria-, -rie-.

Subjuntivo: pres.: -e- (1ª conj.) / -a- (2ª e 3ª conj.) / pret. imperf.: -sse-/fut.: -r-, -re-.

Formas nominais: infinitivo: -r- / gerúdio: -ndo / partícipio: -do.

O morfema zero só deve ser postulado em caso de necessidade. A ocorrência do morfema zero na flexão verbal se dá pela falta de marca em relação às outras do mesmo paradigma. Em: **escrevo**, **escreves**, **escreve**, **escrevemos**, **escreveis**, **escrevem**, a 3ª forma verbal é caracterizada pela falta de desinência em relação às outras pessoas verbais. Temos, portanto, um morfema zero. Assim, para postularmos um morfema zero, temos de satisfazer as seguintes condições, segundo Valter Kehdi:

1. é preciso que o morfema zero corresponda a um espaço vazio;
2. esse espaço vazio deve opor-se a um ou mais segmentos;
3. a noção expressa pelo morfema zero deve ser inerente à classe gramatical do vocábulo examinado.

Alomorfia

Na flexão verbal também há casos de morfemas que assumem, em certas situações, diferentes configurações fonemáticas. São os alomorfes de um mesmo morfema. Nas formas verbais: **cantais**, **cantáveis**, **amais**, **amáreis**, **cantardes**, **fazerdes**, **fizerdes**, **partirdes**; é possível identificar em todas o mesmo morfema com valores de pessoa (2ª) e número (plural). Isso acontece através de morfemes diferen-

tes: *-is* e *-des*. Estes dois segmentos constituem um caso de alomorfia, pois contém mesmos valores significativos. Quando ocorre a alomorfia, a forma de mais alta frequência deve ser considerada a base; a outra é variante, seu alomorfe: no pret. Imperf. do ind., 1ª conjugação, a forma base é *-va-*; a variante é *-ve-* (cantáveis).

Morfema zero x alomorfe zero

É de grande importância o valor significativo dos morfemas. A alomorfia constitui uma diferença de significante, não de significado: o morfe é outro, o morfema é o mesmo. O morfema zero ocorre numa série de morfemas e o alomorfe zero ocorre numa série de alomorfes.

CONCLUSÃO

Concluo que a divisão das palavras em morfemas não é uma tarefa tão simples, pois envolve muitos aspectos.

Quanto à flexão dos nomes, podemos dizer que a existência de uma oposição *-a* (fem.) \emptyset (masc.) para o gênero é a mais completa, pois os termos masculinos são usados de modo geral há muito tempo, só havendo particularização em relação ao uso do feminino. O plural dos nomes em português é mais simplificado do que sempre nos mostrou as gramáticas tradicionais, estas estavam preocupadas em mostrar exceções desde os níveis mais primários.

A flexão verbal requer um pouco mais de atenção quanto ao uso do morfema \emptyset , atentando sempre para a interpretação fonológica de um morfema.

BIBLIOGRAFIA

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. Ver. e ampl. Rio de Janeiro : Lucerna, 1999.

CÂMARA JR.,J. Matoso. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. 12ª ed. Petrópolis : Vozes, 1985.

———. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 21^a ed. Petrópolis : Vozes, 1992.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 6^a ed. Ática – Série Fundamentos.

CAVALIERE, Ricardo. *Fonologia e Morfologia na Gramática Científica Brasileira*. 1^a ed. Rio de Janeiro: EDUFF, 2000.

FREITAS, Horácio Rolim de. *Princípios de morfologia*. 2^a ed. Rio de Janeiro : Presença, 1981.

KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. 3^a ed. Ática - Série Princípios, 2000.

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Gramática Aplicada da Língua Portuguesa*. 7^a ed. Rio de Janeiro: Metáfora Editora, 1992.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática da Língua Portuguesa*. 38^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

TIPOS DE MORFEMAS

Priscila Brügger de Mattos (UERJ)

INTRODUÇÃO

Este trabalho possui como principal objetivo conceituar morfemas e; também, fazer uma breve ilustração dos variados tipos de morfemas presentes na Língua Portuguesa. Iremos focar os morfemas aditivos, subtrativos, alternativos, reduplicativos, de posição e zero.

O MORFEMA

Chama-se morfema a unidade mínima significativa ou dotada de significado que integra a palavra. Tomaremos como base o que diz J. Mattoso Câmara Jr. , em seu Dicionário de Linguística e Gramática (verbetes morfema). Segundo o autor, os morfemas, do ponto de vista do significante, podem ser : aditivos, subtrativos, alternativos, reduplicativos, de posição e zero.

Morfemas Aditivos

Como o próprio nome o indica, os morfemas aditivos são segmentos que se ligam a um núcleo, ou seja, a um radical. Em nossa língua, são os morfemas mais produtivos. De acordo com Evanildo Bechara, em sua Moderna Gramática Portuguesa (2001), os morfemas aditivos são representados por:

1. prefixos: anteposição à base lexical: pôr-repor; quieto-inquieto
2. sufixos, interfixos e desinências: posposição à base lexical
3. infixos: intercalação no interior da estrutura da base
4. circunfixos: anteposição e posposição simultaneamente à base (parassintéticos)
5. descontínuos: fragmentação pela intercalação de outro morfema

6. reduplicativos: repetição da parte inicial da base

Convém ressaltar a diferença entre interfixo e infixo; o interfixo une uma raiz a um sufixo ou dois radicais de um composto: grat-i-dão, fil-ó-sofo. Por outro lado, o infixo insere-se dentro de outro morfema, normalmente a raiz :pensar, pensamento.

Morfemas Subtrativos

São morfemas resultantes da supressão de um fonema do radical para exprimir alguma diferença de sentido. São mais raros que os morfemas aditivos; podemos citar como exemplos:

Anão / anã

Órfão / órfã

Após uma primeira análise dos pares acima, podemos concluir que nesses casos o feminino é obtido através da eliminação do /-o/ do masculino. A noção de feminino, em vez de aparecer indicada através da adição de um morfema à forma masculina, processo básico de formação do gênero em Português, decorre da própria subtração dessa forma.

Partindo a análise dos masculinos, não podemos afirmar que o feminino resulta da queda do /-o/; visto que substantivos em -ão apresentam vários tipos de femininos:

Irmão / irmã

Leão / leoa

Sultão / sultana

Assim, quando temos o feminino em -ã, o masculino é automaticamente em -ão; se o masculino termina em -ão, há variadas possibilidades de feminino.

Morfemas Alternativos

Consistem na substituição de fonemas do radical, que passa a apresentar duas ou mais formas alternantes; dessa forma resulta o morfema.

Veremos os casos de alternância vocálica. Podemos distinguir três tipos de alternância de timbre da vogal tônica:

1. /ê/ - /é/; /ô/ - /ó/

Essas alternâncias aparecem em alguns nomes e pronomes; marcando a oposição entre masculino e feminino ou singular e plural : esse/essa; novo/nova; ovo/ovos.

Também ocorrem em alguns verbos da segunda conjugação, opondo, no presente do indicativo, a primeira pessoa do singular às demais pessoas que apresentam acento tônico no radical: bebo/bebes; torço/torces.

2. /ê/ - /i/; /ô/ - /u/

Estabelecem distinção, nos pronomes, entre o animado e o neutro: esse/isso; aquele/aquilo; todo/tudo.

3. /i/ - /ê/; /u/ - /ô/; /i/ - /é/; /u/ - /ó/

Ocorre em alguns verbos da terceira conjugação, marca, no presente do indicativo, a oposição entre a primeira pessoa e outras formas rizotônicas: minto/mentes; sinto/sentes;

sumo/somes; firo/feres; durmo/dormes.

Em Portugal, em geral, é o timbre aberto ou fechado da vogal tônica que distingue a primeira pessoa do plural do presente do indicativo e do pretérito perfeito dos verbos da primeira e segunda conjugação : lavamos /â/-presente, lavamos /á/-pretérito perfeito;

devemos /ê/-presente, devemos /é/-pretérito perfeito. No Brasil não fazemos em regra esta distinção, que fica a cargo do advérbio adequado : Hoje falamos disso. Ontem falamos disso.

A partir dos exemplos citados acima, podemos constatar que o morfema –mos

(desinência) acumula dois valores. Este processo é chamado de Cumulação, ou seja, é o fato de um mesmo morfema comportar

mais de um significado, cuja existência podemos comprovar pela Comutação; que é a troca de um segmento do plano da expressão, e possui como resultado uma alteração no plano do conteúdo.

Morfemas Reduplicativos

Em alguns idiomas, a repetição da parte inicial do radical possui valor morfológico. Verificamos essa ocorrência em Latim, em que certos verbos apresentam, no

pretérito perfeito do indicativo, uma forma caracterizada pela reduplicação ou redobro: cano, "canto" /cecini; do, "dou" /dedi.

Havia no Latim, o chamado redobro expressivo ou intensivo, com repetição da consoante inicial do radical acompanhada de uma vogal acrescida da vibrante /r/: murmur, "murmúrio"; turtur, "rola (ave)". Este recurso, tinha por função dar mais realce ao vocábulo; seu emprego era mais estilístico. Observa-se o caráter onomatopéico dos exemplos apresentados.

A Língua Portuguesa não apresenta morfemas reduplicativos. Em nossa língua, o fenômeno da reduplicação é comum na linguagem infantil e nos hipocorísticos: papai, mamãe, vovô, Zezé, Fifi; o-corre, também em alguns compostos: pingue-pongue, reco-reco, tique-taque. Esses exemplos não possuem valor morfológico; na verdade, ilustram o chamado redobro expressivo.

Morfema de Posição

O morfema de posição distingue-se dos outros tipos aqui apresentados por não se constituir nem em acréscimo, nem em subtração de segmentos.

A disposição dos morfemas na frase pode ter valor gramatical. Podemos citar como exemplo duas frases: 1. João vê José / 2. José vê João. Na primeira frase temos João como sujeito e José como objeto; já na segunda temos José como sujeito e João como objeto.

É válido ressaltar que temos seqüências de ordem livre como, por exemplo, em: Hoje, vou sair/Vou, hoje, sair/Vou sair, hoje; em

que a posição variável do advérbio não lhe altera a função. Acrescentamos, ainda, que há combinatórias que não podem ocorrer: *homem o (diferentemente do que se passa em romeno, em que o artigo é posposto : omul).

Para os lingüistas de orientação distribucionalista, as combinações de segmentos internos ao vocábulo são estudadas na morfologia, cabendo à sintaxe o estudo das combinações ao nível da frase, o morfema de posição ocuparia uma parte importante da sintaxe.

Morfema Zero

São comuns, em Língua Portuguesa, os exemplos de morfema 0 na flexão verbal: com frequência, as desinências modo-temporais e números-pessoais são representadas por esse tipo de morfema. Lembremos, contudo, que não se deve postular um morfema 0 quando estamos diante de um elemento recuperável: em ame, não se deve falar em vogal temática 0, visto que, no tema amA-, a vogal temática se elide antes da desinência modo-temporal -e: am(a)e.

Essa observação nos previne contra o uso indiscriminado do morfema 0, que só deve ser postulado em casos de verdadeira necessidade.

Flávia Carone, em *Morfossintaxe* (1994) nos oferece mais exemplos de ocorrência do morfema 0 em nossa língua. De acordo com a autora, o singular dos nomes não se concretiza em um ponto do vocábulo, mas está presente como categoria de número, o que se comprova com o plural: livro-s / livro-0. O ponto que, no plural, é ocupado pelo morfema -s, no singular é um conjunto vazio, que representamos pelo símbolo 0

e denominamos de morfema zero. Ambos, porém, são realidades morfêmicas: aliás, como noção gramatical, cada um deles só existe graças à existência do outro. Sem essa oposição sequer seriam cogitados esses conceitos. Assim, a categoria gramatical de número só existe porque um par opositivo a instaura: singular e plural.

CONCLUSÃO

Á guisa de conclusão, podemos afirmar que a Língua Portuguesa possui um número significativo de morfemas. Convém assinalar que os variados tipos de morfemas apresentados neste trabalho dividem-se em três grupos, caracterizados, respectivamente, pelo acréscimo, pela subtração e pela alternância de segmentos.

Em nossa língua, predominam, como já se observou, os morfemas aditivos; são freqüentes, também, os alternativos (normalmente, redundantes com relação aos morfemas segmentais), no terreno das flexões nominal e verbal. E raros são os casos de morfemas subtrativos em nossa língua.

Percebe-se que os morfemas reduplicativos estão relacionados à linguagem infantil, aos hipocorísticos e aos compostos. Não há este tipo de morfema em nossa língua.

É importante acrescentar que o morfema de posição é um tipo de limítrofe entre a morfologia e a sintaxe, o que dificulta o estabelecimento de uma rígida linha divisória entre os dois campos.

Temos também, o morfema zero que consiste na ausência de uma marca de oposição gramatical em referência a outro termo marcado. Só haverá este tipo de morfema se a noção por ele expressa for inerente à classe gramatical em que ele ocorra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro : Lucerna, 2001.
- CÂMARA JR. , Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 31ª ed. Rio de Janeiro :Vozes.
- CARONE, Flávia. *Morfossintaxe*. 4ªed. São Paulo : Ática, 1994.
- KEHDI, Valter. *Morfemas do Português*. 3ªed. São Paulo : Ática.
- KOCH, Ingridore Villaça & SILVA, M. Cecília P. de Souza. *Linguística Aplicada ao Português: Morfologia*. 9ªed. São Paulo : Cortez
- MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia Portuguesa*. 3ª ed. São Paulo : Pontes, 1991.

A COMPOSIÇÃO COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS EM PORTUGUÊS

Adaete Abreu Loureiro (UFAC)

Alexandre Bandeira de Menezes (UFAC)

Jacqueline Saturnino de Souza Medeiros (UFAC)

Maria Guiomar Ramos (UFAC)

Raimunda Rodrigues da Costa (UFAC)

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo apresentar pesquisa de campo realizada no mês de março do corrente ano, sobre: as gírias utilizadas por usuários de drogas que ficam aos arredores da praça da Justiça, localizada nesta cidade; a linguagem usada pelos flanelinhas (guardadores de carros) que concentram-se em frente a Polícia Militar.

A primeira pesquisa referente à gíria é uma linguagem que nasce em um certo grupo social e termina estendendo-se à linguagem familiar. Ela perpassa aos meios de comunicação e morre ou renasce na voz do povo. Pode ser incorporada pela língua oficial, permanecer no vocabulário de pequenos grupos ou cair em desuso.

A segunda pesquisa trata-se de uma linguagem também cheia de gírias que é criado com o intuito de segredo, e quando o segredo é quebrado surgem outras palavras para denominar o meio, o mundo, as coisas.

Enfim, este trabalho será feito com a intenção de atingir a expectativa do tema escolhido por esse grupo, ou seja, “formação de palavras em português”, relacionando gírias e expressões idiomáticas, mais frequentes em determinados grupos sociais, como os acima citados, destacando aqueles formados pelo processo de composição por justaposição, com seus devidos significados.

OBJETIVOS

Geral

O trabalho em questão tem como pretensão mostrar que cada indivíduo ou grupo social apresenta diferentes maneiras de transmis-

são de seus conhecimentos e comunicação. Cada um depende de seu meio social, podendo expressar-se de diferentes formas, porém, transmitindo os mesmos significados, segundo os seus desejos e suas possibilidades.

Específico

Estudar a linguagem usada pelos usuários de drogas e pelos guardadores de carro na cidade de Rio Branco.

JUSTIFICATIVA

Este trabalho foi realizado com objetivo de expandir os nossos conhecimentos no campo das denominações da linguagem utilizada pelos três grupos específicos: dos usuários de drogas e dos guardadores de carros.

Justifica-se com o presente estudo, a maneira em que surgem as gírias e como elas são entendidas pelas pessoas, o processo comunicativo das palavras usadas pelos rádio-taxistas.

METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado através de duas pesquisas de campo, nas quais foram feitas entrevistas. Na primeira foram entrevistados adolescentes e adultos pertencentes ao grupo dos usuários de drogas; na segunda foram entrevistados os flanelinhas (guardadores de carro).

Depois, relacionaram-se as palavras e expressões em forma de gírias, por ordem alfabética, com seus devidos significados. Além disso, foi destacado todo o vocabulário formado pelo processo de composição por justaposição.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Entende-se por campo semântico “associação de significação para um certo número de semantemas, como os termos para cor, para

partes do corpo animal, para os fenômenos meteorológicos, etc. (...) em que cada palavra se associa com outras na base de significações correlatas dentro da cultura a que a língua serve”.

Compreende-se como linguagem especial, em sentido estrito, uma linguagem fundamentada na prática de um ofício ou profissão. Há, por vezes, termos técnicos e científicos, por outro lado há, aqueles, de criação popular.

A Semântica é a ciência que estuda as significações das formas lingüísticas. Essa visão da ciência vimos no decorrer do curso e percebemos a sua aplicabilidade na feitura e organização do presente trabalho.

Baseando-se nos conceitos que a semântica com “o estudo do sentido das palavras”, vemos ser a linguagem humana um meio eficaz de comunicação. Nesse sentido, a língua é um instrumento, o veículo que serve à comunicação das idéias, assim entendemos com Guiraud.

Segundo Evanildo Bechara, semântica é “o estudo da significação dos vocábulos e das transformações de sentido por que estes mesmo vocábulos passam”. Já para Mattoso Câmara Jr., semântica é “o estudo da significação das formas lingüísticas.

No que diz respeito à linguagem dos meninos de rua, pode-se afirmar que a comunicação se estabelece a partir do momento que eles utilizam as gírias para expressar suas idéias e sentimentos. É esse modelo de linguagem denominada de “gíria” que eles utilizam no processo comunicativo, com o intuito de esconder às atividades que exercitam enquanto “guardadores de carros”.

As gírias, criadas pela necessidade de sigilo, são formadas a partir de elementos formais já existentes ou tomados de empréstimos a outras línguas, como é o caso das palavras “vela” ou “back” para designar “cigarro de maconha”.

Outro tipo de processo, na formação de novas gírias, pode originar-se por composição por justaposição.

FORMAÇÃO DE PALAVRAS EM PORTUGUÊS PLO PROCESSO DE COMPOSIÇÃO POR JUSTAPOSIÇÃO

Em português as palavras se formam por vários processos, entre eles, o processo de composição, que é conceituado por alguns autores a seguir, da seguinte forma:

Luiz Antônio Sacconi (Nossa Gramática: Teoria e Prática, p.70) define:

“É a formação de palavras pela união de dois ou mais sememas”.

Exemplos: por-espinho, testa-de-ferro, pernalonga, passatempo, malmequer, vaivém, etc.

Evanildo Bechara (Moderna Gramática Portuguesa, p. 351) diz que:

“É a junção de dois elementos identificáveis pelo falante numa unidade nova de significado único e somente.” Exemplo: papelmoeda, boquiaberto, planalto, etc.

Manuel Pinto Ribeiro (Nova Gramática Aplicada da Língua Portuguesa, p. 121) Explica-se que:

“A composição acontece quando se juntam dois ou mais radicais.”

Valter Kehdi (*Formação de Palavras em Português*, “Apostila”, p. 17) esclarece:

“É um processo de formação lexical que consiste na criação de palavras novas pela combinação de vocábulos já existente.” Exemplo: amor próprio, ganha-pão, etc.

Através dos conceitos e dos exemplos acima citados, dá para distinguir dois tipos de composição: justaposição e aglutinação. O primeiro apresentado, segundo o último autor referido acima (apostila 18), “Ocorre quando os termos associados conservam a sua individualidade”, ou seja, os sememas permanecem absolutamente inalterados.

Eis alguns exemplos: porco-espinho, testa-de-ferro, pernalonga, passatempo, vaivém, sempre-viva, etc.

Como o objetivo de apresentar palavras com estas características é que, logo abaixo, relaciona-se vocábulos (gírias) dos flanelinhas e dos usuários de drogas, com seus devidos significados, coletados através de pesquisa de campo realizada pelos componentes do grupo responsável por este trabalho, onde teve a preocupação de destacar todas as palavras formadas pelo processo de composição por justaposição.

A seguir, o resultado da pesquisa realizada:

*Vocabulário dos usuários de drogas
que ficam aos arredores da praça da Justiça*

A

Aluado: Distraído, desligado, de lua

Apoquentado: Nervoso, irritado

Arroz: Cocaína

Avião: Pessoa que passa droga

B

Baião de dois: Mistura de maconha com pasta base (por justaposição)

Bocada: Lugar onde vende-se droga

Brizolado: Cocaína e maconha misturado

Barra-limpa: Sem impedimento, descontraído (por justaposição)

C

Cana: Cadeia, prisão

Carne-de-pescoço: Teimoso, pessoa difícil (por justaposição)

D

Dar com a língua nos dentes: dizer o que não deve

E

Encarar: Ficar olhando

J

Jaburu: Mulher feia

Jegue-manso: Comer quieto (por justaposição)

L

Lero: Conversa

Levar a pior: perder um negócio, ser derrotado

M

Morcegão: Pessoa que só sai à noite

N

Noiado: Pessoa que usa droga

P

Palha: Fumo que não é bom

Pó: Cocaína

Pacoitero: Grande quantidade de maconha

Q

Qual é o do capeta?: O que ele deseja?

T

Tá limpo: Esta certo

Testa-de-ferro: responsável pelos negócios de um grupo; aquele que assume tudo pelo grupo (por justaposição)

Toldado: Muito louco

V

Vela: Cigarro de maconha

*Vocabulário dos flanelinhas
que concentra-se em frente à Polícia Militar, nesta cidade.*

B

Bater um fio: telefonar

Bicão: Intrometido

Bicha louca: Pederasta, barato, escandaloso (por justaposição)

Boca quente: Local perigoso

Boa-gente: Educado, camarada, respeitador

Brocado: Muita fome

C

Cabeça-de-bagre: Jogador sem classe, sem técnica, mau jogador (por justa posição)

Caixinha: Gratificação, gorjeta

Caixa de pancada: Pessoa infortunada, vítima que sempre leva a pior (por justa posição)

Careta: Pessoa chata, inconveniente, estraga prazeres

Cara-de-Pau: Descarado, sem vergonha (por justa posição)

Cara: Pessoa, indivíduo, ser

Chapa: Companheiro, amigo

Caroça: Carro velho

Cobra: Ótimo em alguma coisa

D

Dar mancada: Cometer uma gafe, ficar mal perante outras pessoas

Dar pesada: Avançado, sem preconceitos incrementado (por justa posição)

Dar no pé: Sumir (por justa posição)

Dedar: Denunciar

Dedo-duro: Denunciante (por justa posição)

Descurtir: Deixar de gostar, abandonar

Deu furo: Não pagou

Dica: Informação, idéia

E

Educado: Confuso, preocupado

Engrossar: Perder a classe, faltar com educação

Entrar em fria: Ser mal sucedido

Entrar pelo cano: Levar prejuízo, ser derrotado

Enxuta: Mulher conservada, bonita

Estar na pior: Esta em dificuldade

Escalão: Meninos que chegam sem ser convidados

F

Faturar: Vencer, conseguir, ganhar dinheiro

Fajutos: falso, enganoso

Fino: Pessoa que goza de bom conceito, honesta

Fofoca: Comentários, boatos, mexericos

Flanelinha: Meninos que trabalham lavando carros nas ruas e praças

G

Gata: Garota jovem

Grilado: Cismado, preocupado, impressionado

N

Nó-cego: enrolado (por justa posição)

P

Pão-duro: Pessoas que não pagam (por justa posição)

Pé-rapado: Soldado

Peixão: Coronel

R

Rango: Refeição, comida

Rolo: Briga, confusão

S

Sacar: Entender, perceber

T

Transar: Relacionar encontrar, contactar

Tira: Policial

U

Um tremendo barato: Uma coisa sensacional, fora do comum

CONCLUSÃO

Ao término deste trabalho, constatamos que as palavras e expressões da língua portuguesa são usadas de acordo com o lugar, a cultura e os costumes de cada grupo social.

Vimos que para efetuarmos a comunicação é preciso “falar a mesma língua”: o português, por exemplo, é a língua do nosso país.

Mas, constatamos que só isso não garante a comunicação, pois existem diferentes manifestações de uma língua: a linguagem dos usuários de drogas e dos flanelinhas, por exemplo, não são as mesmas de outros grupos sociais.

Às vezes as diferenças sociais ou grupais tornam um pouco difícil a compreensão de certas palavras. Daí surge até a necessidade de um estudo mais profundo dos significados de palavras e expressões, ou recorrer até mesmo a um dicionário.

No final de nossa pesquisa procuramos, dentro de nossas limitações, mostrar nesse trabalho tudo aquilo que pudesse estar relacionado com o assunto (formação de palavras pelo processo de composição por justaposição), elemento que ficou estabelecido logo no início, e de contribuir para o estudo das variações lingüísticas no campo das gírias dos usuários de drogas e dos flanelinhas nos pontos mencionados na introdução.

Por tudo quanto foi dito, vale lembrar que: “Ainda que criativa e expressiva, a gíria só é admitida na *língua falada*. A língua escrita não a tolera, a não ser na reprodução da fala de determinado meio ou época, com a visível intenção de documentar o fato, ou em

casos especiais de comunicação entre amigos, familiares, namorados, etc., caracterizada pela linguagem informal.” (Sacconi)

BIBLIOGRAFIA

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed., rev. e ampliada. Rio de Janeiro : Lucerna, 1999.

RIBEIRO, Manuel Pinto. *Gramática Aplicada da Língua Portuguesa*. 11ª ed., ref. e atual. Rio de Janeiro : Metáfora, 1994.

SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa Gramática: Teoria e Prática no TP*. 18ª ed., reformada e atualizada. São Paulo : Atual, 1994.

JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de Lingüística*. 2ª ed. Rio de Janeiro : Presença, 1981.

CAMARA JÚNIOR, J. Mattoso. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. 13ª ed. Petrópolis : Vozes, 1986.

ESTRANGEIRISMOS NA IMPRENSA

Stalin Che Guevara S. Melo (UFAC)

Cacilda Barbosa Santiago (UFAC)

Terezinha Góes (UFAC)

Maria Francineide (UFAC)

Divaneusa Albuquerque (UFAC)

INTRODUÇÃO

Quando se fala em estrangeirismo, logo vem a mente um amontoado de palavras e expressões, geralmente em inglês, que convivem lado a lado com palavras e expressões da Língua Portuguesa. E o inglês aparece em primeiro lugar por um motivo muito simples: é uma espécie de língua-mãe do mundo globalizado, língua que todos tem que conhecer para, se quiser, obter sucesso no mundo moderno. Um exemplo: qualquer candidato a um emprego numa empresa de médio porte tem que dominar a língua inglesa. Talvez um pouco por isso, a difusão de expressões e palavras dessa língua ao nosso dicionário cotidiano esteja tão vasto e denso.

E é particularmente do estrangeirismo das expressões inglesas que procuraremos abordar, embora haja uma ausência quase completa de uma bibliografia sobre o assunto. Esta, aliás, nada fácil de encontrar. Fora algumas considerações na "Nova Gramática Aplicada", do professor Manoel Pinto Ribeiro e na "Moderna Gramática Portuguesa", do professor Evanildo Bechara, pouco ou nada há para se pesquisar acerca de uma bibliografia sobre estrangeirismos.

Trabalho oportuno o do deputado Aldo Rebelo, do PC do B de São Paulo, cujo projeto, de 1999, fizemos questão de dedicar um capítulo à parte (3), justamente por trazer uma questão fundamental, que é a preservação das palavras em língua portuguesa, num detrimento aos estrangeirismos exagerados, estes proporcionados, principalmente, por um mundo cada mais dominado pela tecnologia de ponta, estando esta, quase sempre, nas mãos de norte-americanos, que dominam as expressões nesta área de conhecimento (capítulo 4).

ESTRANGEIRISMO NA IMPRENSA

Comumente, os jornalistas fazem uso de palavras ou mesmo

expressões em outras línguas, principalmente o inglês, para reforçar uma determinada idéia contida na frase ou mesmo na expressão. Em alguns casos, no lugar de algum estrangeirismo, até seria possível uma utilização do termo na língua portuguesa, mas por uma questão de ênfase lingüística, muitas vezes opta-se, na imprensa, pelo uso de palavra estrangeira.

Na consulta feita a alguns exemplares do Jornal O Rio Branco, no período de dezembro de 2000, os maiores exemplos de estrangeirismos surgiram exatamente nas seções onde as páginas são tiradas da internet. Isso demonstra que no eixo Rio-São Paulo, os jornalistas usam de forma mais freqüente os tais estrangeirismos. Isso não significa dizer, contudo, que os jornalistas acreanos também não façam uso de tais recursos de linguagem. Entretanto, quando isso acontece, o estrangeirismo não atinge somente o inglês, mas sobretudo termos e expressões de origem latina. Como a própria Língua Portuguesa tem origem no Latim, fica difícil uma análise no sentido de que expressões do tipo "*in loco*" ou mesmo "*data venia*" sejam propriamente um estrangeirismo.

No caso de uso de estrangeirismos na imprensa nacional, há termos como "pick-ups", conforme descrita na Página 9 do jornal O Rio Branco do dia 02 de dezembro de 2000 onde na expressão "F 250 mantém a liderança do mercado de pick-ups", o termo estrangeiro não ganhou uma tradução literal. Assim sendo, é muito mais comum, no uso geral da língua falada no Brasil se referir camionete como pick-up, logo vem à mente um carro de porte médio, cerca de mil toneladas, com uma cabine e uma carroceria. De tão antigo o termo estrangeiro, a criança cresce aprendendo, à margem da própria Língua Portuguesa, utilizar a palavra pick-up muito mais do que camionete.

Um outro exemplo de estrangeirismo encontrado na consulta feita a exemplares do Jornal O Rio Branco foi o termo "design". Sem uma tradução específica, a expressão estrangeira ganha uma contextualização particular no sentido de garantir uma interpretação e um sentido próprio para um grupo reservado de pessoas e até de profissionais. Fora deste contexto e do grupo onde o estrangeirismo está eventualmente inserido, não sentido algum em utilizá-lo. Assim sendo, "design" é um termo usado tão somente por aqueles que trabalham e lidam diariamente com decoração, desenho e coisas do gêne-

ro. O termo aparece, a título de exemplo desta contextualização específica, na frase "GMB, a maior equipe brasileira de design", também no dia 02 de dezembro de 2000 do Jornal O Rio Branco. Uma variante deste estrangeirismo é o termo designer, aquele profissional que trabalha com design. Importante observar, neste caso, que quando se faz referência a uma determinada profissão, utiliza-se, pelo menos para este caso o final ER, acrescida ao substantivo, que em inglês representa exatamente a pessoa que trabalha em determinado ramo.

Um outro exemplo de estrangeirismo especializado aparece comumente no setor da informática. Com a inserção de novas tecnologias ao mundo moderno, onde cada vez mais se populariza o uso de computadores e toda uma sorte de suprimentos para informática, as expressões estrangeiras terminam caindo, também, no hábito do falar cotidiano da população de um modo geral. Importante observar, todavia, que tais estrangeirismos não ganharam tradução, mas são utilizados constantemente. Muitas vezes, se desconhece até uma simples tradução literal, mas a popularização do estrangeirismo faz com que as pessoas se referiam a eles como se da Língua Portuguesa fossem.

Um exemplo de como este estrangeirismo aparece quase que naturalmente está na expressão "quase todos os softwares no Brasil são piratas", tirada de uma consulta no Jornal O Rio Branco do dia 03 de dezembro de 2000. O estrangeirismo, de tão difundido o seu uso, torna desnecessário uma tradução. Mesmo para quem não é especialista no assunto, percebe tratar-se de componentes ligados à informática.

Neste campo cabe uma observação importante. Existem estrangeirismos que de tão falados e difundidos no uso comum da Língua, terminaram sendo incorporados aos dicionários. É o caso, por exemplo, do estrangeirismo delete. Na década de 80, quando os computadores pessoais (Personal Computers) começaram a se popularizar no Brasil, a expressão designava, dentro um programa específico, sumir ou matar determinada informação contida na memória do computador. Atualmente, a tecla "delete" está disponível para apagar qualquer informação, arquivo ou programa de computador. A expressão se popularizou, se tornou gíria e foi incorporada aos verbetes de dicionários mais modernos. No uso diário, é comum se ouvir "vou

deletar você da minha vida", no lugar de "vou tirar você da minha vida" ou mesmo "vou te deletar", ao invés de "vou te matar".

O INGLÊS COMO BASE DO ESTRANGEIRISMO

Dentre todos os estrangeirismos vigentes no país, o mais utilizado nos dias atuais, sem a menor sombra de dúvida, é o estrangeirismo de termos e expressões de língua inglesa. A explicação é mais do que comum. Atualmente, os negócios, muito dos fatos e acontecimentos estão nos Estados Unidos. Estes, sendo a maior potência econômica e mesmo cultural do planeta, terminam por impor palavras e termos em muitos países, sobretudo no Brasil. Desse modo, fica fácil entender porque tantas e tantas expressões podem ser encontradas pela maioria das cidades brasileiras. Em Rio Branco não é diferente. Opta-se utilizar um estrangeirismo da língua inglesa à palavra na Língua Portuguesa seja por uma questão de querer ser moderno, seja por uma questão de publicidade, onde os estrangeirismos tendem a chamar mais a atenção do consumidor.

É dentro deste contexto que podemos encontrar, por exemplo, a expressão "delivery" no lugar de "entrega em domicílio". Muitos restaurantes e bares fazem entregam em domicílio, mas nos cartazes e folders (um estrangeirismo) a propaganda sempre é feita na expressão estrangeira. Isto porque o estrangeirismo, claro que apenas aparentemente, soa melhor do que a palavra em português. Um exemplo desta opção pelo inglês está na loja Mr. Cat. Há alguns anos, o proprietário da loja explicou que se optasse pela expressão em Português "Senhor Gato", o retorno financeiro e de marketing (outro estrangeirismo) não seria o mesmo. Na verdade, poderia nem mesmo haver retorno financeiro para o dono da loja.

Não apenas no Rio de Janeiro, onde o estrangeirismo inglês predomina, mas em cidades como Rio Branco, embora em menor grau, a opção comercial por nomes estrangeiros também faz parte do cotidiano. Assim, não chega a ser raro se encontrar expressões como "Lira's Lanche", numa referência ao apóstrofe s que, no inglês, ganha o sentido de posse, propriedade. Poderia se chamar simplesmente "Lanche do Lira", mas a opção pelo inglês torna o comércio mais atrativo comercialmente. É no "Lira's Lanche" que pode consumir alguns dos maiores e populares estrangeirismos do inglês no que se

refere a alimentação. É possível se lanchar, entre outros, "hamburger", "cheeseburger", "eggburger" e tantos outros sanduíches (mais estrangeirismos) do gênero.

A utilização de termos estrangeirismos ingleses não se limita ao comércio, contudo. No Acre, colunistas sociais também costumam utilizar os termos para se tornarem mais "chiques". A colunista Marlize Braga, por exemplo, na página 12 do Jornal O Rio Branco do dia 02 de dezembro de 2000, usa como título de uma de suas notas a expressão "na city", informando sobre chegada, em Rio Branco, de um filho de um empresário local, que teria chegado à cidade a fim de passar férias. Na coluna social "Status Max", do dia 03 de dezembro de 2000, é possível se encontrar, ainda, ao invés da palavra "férias", o estrangeirismo "vacances". São apenas alguns exemplos de como se tornou comum expressões estrangeiras, sobretudo inglesas, no cotidiano da vida das pessoas. É bem verdade que os colunistas escrevem para um público bastante específico, mas expressões como "city" podem ser ouvidas das pessoas mais comuns, sobretudo em cidades como o Rio de Janeiro, onde "city" pode ganhar, até, qualidade de gíria e ser repetida até por crianças. É tudo uma questão de contextualização.

Mas as expressões em inglês podem até ser maioria, mas não representam o total dos termos estrangeiros. Muito em voga, atualmente, está a expressão *glamour* (estrangeirismo francês) para designar algo muito chique, geralmente algo acessível somente à classe média. A colunista Marlize Braga, citada anteriormente, no Jornal O Rio Branco do dia 02 de dezembro de 2000, coloca como título de uma das notas de sua coluna o estrangeirismo "glamour". Cabe observar que na onda "funk", a expressão parece ter voltado com força total, aparecendo inclusive uma derivação da expressão: *glamourosa*. Mesmo que o estrangeirismo do francês esteja comumente em desuso, uma vez que seu uso mais intenso remonta ao início do século passado no país, como o advento da "*bellé époque*", expressões como esta podem aparecer e se tornar um modismo, assim como muitos estrangeirismos provenientes da língua inglesa.

Um exemplo de como os colunistas sociais, de modo geral, usam e abusam de termos estrangeiros para denotarem uma idéia de "chique" está no caso, ainda, de Marlize Braga, que no dia 06 de dezembro de 2000, em sua coluna no Jornal O Rio Branco escreve co-

mo título de uma das notas da coluna a expressão "happy hour" que, numa tradução literal ficaria, na Língua Portuguesa, "hora feliz". A expressão vem sendo muito utilizada por outros colonistas no país afora e também por não colonistas para designar o horário do final do expediente, quando muitos trabalhadores optam em assistir uma atividade cultural e artística qualquer.

Os estrangeirismos da língua inglesa ganham forma, ainda, em muitos esportes, como "Motocross", "Rally", "Volleyball", "Basquetball", dentre tantos outros cujo uso se tornaram comuns, se transformando até em vocábulos da Língua Portuguesa, como o "voleibol" e "basquetebol". Seja nas colunas sociais, seja na descrição de vários esportes, o fato é que a língua inglesa, até por uma questão de imposição econômica e cultural, tende a ser tornar, a cada dia, espécie de segunda língua dos brasileiros, embora uma substituição da Língua Portuguesa pela inglesa seja, mesmo a longo prazo, um algo improvável.

O PROJETO DE ALDO REBELO

O deputado federal Aldo Rebelo, do PC do B de São Paulo, preocupado com a problemática da difusão de termos estrangeiros no uso diário da Língua Portuguesa e, de forma equivocada, prevendo a perda da identidade da língua, apresentou projeto, em 99, já aprovado na comissão de Educação da Câmara Federal, regulamentando a diminuição do uso de termos estrangeiros que, no seu entendimento, deve ser substituído, sempre que possível, por uma palavra em Português como forma de difundir e proteger a língua mãe dos brasileiros.

Dessa forma, ao invés de utilizar expressões como "delivery", que fica proibida pelo projeto, deve-se usar tão somente "entrega em domicílio", conforme exemplificado antes. "Lira's Lanches" sumiria e ficaria tão somente "Lanche do Lira" e assim por diante. A proposição do parlamentar paulista é difundir, em todos os níveis de conhecimento e ensino o uso da Língua Portuguesa que, na sua avaliação, estaria protegida das imposições econômicas e culturais norte-americanas, sobretudo.

Em relação a normatização do uso de termos estrangeiros na Língua Portuguesa, diz o projeto de lei do deputado Aldo Rebelo, em

seu artigo 2º, inciso VI: atualizar, com base em parecer da Academia Brasileira de Letras, as normas do Formulário Ortográfico, com vistas ao aporuguesamento e à inclusão de vocábulos de origem estrangeira no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa. Para que tal propositura possa funcionar em sua plenitude, os meios de comunicação de massa, sobretudo a imprensa, deverão colaborar de forma decisiva para a realização prática dos objetivos listados no referido projeto de lei.

Como podemos observar, a mesma imprensa que de alguma forma ajuda a difundir termos estrangeiros, sobretudo de língua inglesa no país, é a mesma imprensa que o deputado comunista Aldo Rebelo quer ver ajudando no combate à utilização de tais termos. Não apenas os meios de comunicação de massa devem se incluir neste processo mas, sobretudo, propagandas e veículos institucionais devem evitar, sob todos os aspectos, a utilização de estrangeirismos na Língua Portuguesa.

O artigo que regulamenta o uso de palavras e expressões na Língua Portuguesa é o artigo 4º, que diz:

Todo e qualquer uso de palavra ou expressão em língua estrangeira, ressalvados os casos excepcionais nesta lei e na sua regulamentação, será considerado lesivo ao patrimônio cultural brasileiro, punível na forma da lei.

Caso seja utilizado termos estrangeiros quando couber termos em Língua Portuguesa será considerado, pelo projeto, "prática abusiva" e danosa ao patrimônio cultural caso "a palavra ou a expressão em língua estrangeira puder, de algum modo, descaracterizar elemento da cultura brasileira".

As penalidades, ainda de acordo com a propositura do deputado, são danosas a quem desrespeitar o uso da língua. O artigo 6º da lei prevê:

O descumprimento de qualquer disposição desta lei sujeita o infrator a sanção administrativa, na forma de regulamentação, sem prejuízo das sanções de natureza civil, penal e das definidas em normas específicas, com multa no valor mil e trezentas a quatro mil ufirs, em caso de pessoa física e de quatro mil a treze mil ufirs em caso de pessoa jurídica.

Como se vê, a preocupação do parlamentar paulista não é muito diferente dos parlamentares que, no início do século passado, temiam uma invasão de estrangeirismos franceses (e também ingleses)

e que estes pudessem substituir a própria língua portuguesa. O professor Manuel Pinto Ribeiro cita o caso do purista Castro Lopes, numa tentativa de reagir, assim como faz hoje a seu modo Aldo Rebelo, contra a invasão de estrangeirismos.

Assim, a partir de um estudo chamado "Neologismos indispensáveis e barbarismos dispensáveis", Castro Lopes criou palavras que substituíssem os estrangeirismos, considerados por ele como "vícios de raça". Assim, ao invés de turista, o termo "ludâmbulo"; massagem seria substituída por "premagem"; já motorista seria simplesmente "cinesíforo"; abajur seria "quebra-luz"; piquenique "convescote" e futebol passaria ser chamado, para evitar o tal estrangeirismo, de "ludopédio".

O professor Evanildo Bechara, em sua "Moderna Gramática Portuguesa" alerta para o exagero de nacionalismo, embora considere fundamental o combate, até um certo ponto, da importação de estrangeirismos. Diz ele à página 599:

O que se deve combater é o excesso de importação de línguas estrangeiras, mormente aquela desnecessária por se encontrarem no vernáculo palavras e giros equivalentes. A introdução de uma palavra estrangeira para substituir uma vernácula em geral se explica pela debilidade funcional da palavra ameaçada de substituição.

A IMPOSIÇÃO TECNOLÓGICA

Como já frisamos em momentos anteriores, as mudanças tecnológicas proporcionaram o aparecimento de novos estrangeirismos, sobretudo da língua inglesa, na vida cotidiana da sociedade brasileira. Por ser tecnologia nova, como novos são também os termos em uso, muitas vezes terminam não ganhando uma tradução literal, prevalecendo sua escrita no original em inglês, mas com uma significação mental "automática" dentro do país.

O professor Manoel Ribeiro, acompanhando esta "modernidade", fala de grandes corporações internacionais com filiais no país cujos funcionários, brasileiros, terminam adotando um novo idioma, o "portulês" (mistura de português com o inglês). "Mixar português e termos técnicos (sobretudo) em inglês é parte da rotina de qualquer empresa com contatos no exterior". observa sagazmente:

Uma funcionária de uma empresa informa que em vez de relatórios,

ela faz books. Não calcula os gastos do cliente, analisa os spendings. Não segue as ordens do chefe, mas head officer. Seu calendário começa em January e termina em December.

É ainda o professor Ribeiro quem comenta que o Império Britânico está morto, mas a língua de Shakespeare, liderada pelos neocolonizadores americanos, está cada vez mais em expansão. E esta expansão, segundo o professor, não se limita mais ao mundo dos negócios somente, do entretenimento e dos novos modismos. O mais interessante é notar nas suas afirmações que "impulsionado pelas novas tecnologias, o inglês contamina as línguas de todo o planeta, sofrendo adaptações de acordo como idioma e os costumes locais". Por isso mesmo, a influência do inglês na Língua Nacional não é um "privilégio" apenas do Brasil, mas faz parte de um processo de rejeitura e até de globalização do mundo moderno, onde as "aldeias" tendem a se comunicar através de um único idioma. O que não significa dizer que nossa Língua, assim como outras, desaparecerá. Ao contrário, manterá sua identidade assim como manteve há cerca de cem anos. Mas que as mudanças trazidas são latentes e delas devemos tirar proveito para o melhor uso de nossa própria língua, disso não há a menor dúvida. Até porque, devemos concordar com o professor Evanildo Bechara, que fala que o que deve ser combatido são os exageros das importações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalho modesto, cuja intenção é tão somente dar uma singela contribuição ao escasso estudo sobre os estrangeirismos no Brasil. Nada que se possa comparar a estudos e reflexões de pensadores que há muito se debruçam sobre problema tão importante que é a importação de expressões idiomáticas estrangeiras.

Importação esta que, diga-se de passagem, não é nenhum privilégio dos brasileiros. Os próprios países europeus, como Itália e Alemanha, mostram-se extremamente preocupado com a nova de expressões da língua inglesa em seus países. Chegam a adotar medidas drásticas para conter o excesso de palavras estrangeiras (leia-se inglesas), embora tais países também sejam grandes exportadores de tais expressões.

Nossa preocupação, entretanto, foi apenas com as palavras in-

gias, visto que uma abordagem mais aprofundada sobre outros estrangeirismos demandaria mais tempo do que o necessário para a realização deste pequeno objeto de avaliação chamado trabalho. De qualquer forma, fica como introdução para outros mais abrangentes e mais aprofundados no sentido de estudar, inclusive, a raiz do problema: as razões culturais e políticas que levam uma sociedade a adotar termos e expressões que, inicialmente lhe parecem tão estranhas, mas que logo são adotadas no cotidiano, familiarizando-se mesmo seu uso entre os mais jovens, estes sempre mais aptos e abertos em receber quaisquer tipos de novidades, principalmente no tocante à língua.

BIBLIOGRAFIA

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. rev. e amp. Rio de Janeiro : Lucerna, 2000.

JORNAL O Rio Branco. Rio Branco (AC), dezembro de 2000.

PROJETO de Lei nº 1676, de autoria do deputado federal Aldo Rebelo (PC do B) de São Paulo. Versão original, antes de aprovada na Comissão de Educação na Câmara Federal.

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Nova gramática aplicada da língua portuguesa*. 11ª ed. Rio de Janeiro : Metáfora, 2000.

ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE VOCÁBULOS EM PORTUGUÊS

Almilene da Silva Freire (UFAC)

José Tadeu Silva Araújo (UFAC)

Gercineide Maia de Souza (UFAC)

Ozéias Moreira da Costa (UFAC)

Rainise Pereira Lima (UFAC)

INTRODUÇÃO

O propósito deste trabalho é compreender o processo em que o vocábulo, em Língua Portuguesa, se realiza.

Foram usados como fonte de pesquisa bibliográfica, livros de autores conhecidos que já empreenderam atividades nessa área, confrontando-os com a linguagem acreana com suas características e vocabulários próprio. Consideramos necessário usar como base para esse texto o ponto-de-vista de autores como Vanildo Bechara, Joaquim Mattoso Câmara Jr. e outros.

ESTRUTURA E FORMAÇÃO DE VOCÁBULOS EM PORTUGUÊS

O termo vocábulo procede do latim *vox* que significa “a voz”, no entanto para a boa compreensão desse trabalho poderemos usar tanto o termo *vocábulo* quanto simplesmente palavra.

Reconhecemos, no entanto, que os dois termos têm entre si coincidências tais a ponto de gerar à grosso modo essa “confusão”. Para esse trabalho, porém, consideramos que toda palavra é vocábulo, mas nem todo vocábulo é palavra, isto é, só não palavras os vocábulos que apresentam significação lexical. Há, portanto, dois tipos de vocábulos, o lexical e o gramatical. São lexicais os que representam idéias e gramaticais os que não traduzem idéias, mas, servem para estabelecer relações entre as palavras.

Para Evanildo Bechara (Bechara, 2000; 333) toda palavra deve ser classificada levando em conta três prismas diferentes:

- a) o seu aspecto material, fônico;

- b) a sua significação gramatical;
- c) a sua significação lexical.

A palavra não pode ser observada, levando-se em consideração somente a sua constituição formal, isto é, considerando somente as letras ou os fonemas que a constituem. Para que os estudos morfológicos dos vocábulos sejam feitos através de uma base rigorosa, é necessário atentarmos para as suas unidades mínimas significativas às quais denominam-se morfema:

- a) a palavra deve ser observada como significante ou expressão material da língua (falada ou escrita);
- b) a palavra se apresenta sob o seu aspecto formal, isto é, deve ser observada segundo uma classificação morfológica;
- c) observamos a palavra em relação a outra.

Palavra e morfema

Observamos que em português as palavras estão constituídas de uma base fônica e de duas formas semânticas, a gramatical e a lexical. Essas unidades são conhecidas pelo nome técnico de morfema.

O que são morfemas?

Morfema é a unidade mínima dotada de significado que integra a palavra.

Tipos de Morfema na estrutura das palavras

Quanto ao aspecto formal os morfemas podem ser considerados como: Morfemas aditivos, substantivos, modificativos, zero, etc.

I- São aditivos os morfemas representados pelos:

- 1. prefixos-morfemas que se antepõem a uma base lexical.
Ex.: pre + visão = previsão; previsão + metro = perímetro;

2. sufixos, interfixos e desinências – que se pospõem a uma base lexical. Ex.: marcha + ar = marchar; geral + mente = geralmente;

3. infixos – que se inserem no interior da palavra. Ex.: repor + com = recompor.

4. circunfixos – que são chamados parassintéticos, que tanto se antepõem como se pospõem à base simultaneamente. Ex.: a + calma = acalma

Existem também os:

a) descontínuos (ou alternativos) que é uma fragmentação pela intercalação de outros morfemas. Ex.: acudo – acodes; bebo – bebes; todo – tudo.

b) reduplicativos – onde há uma repetição da parte inicial das bases. Ex.: papai, vovô etc.

Os Morfemas substantivos são representados por

1. Substantivo propriamente dito que é uma subtração de fonema do radical para exprimir uma indicação gramatical.

2. Supressivos – ex.: anão – anã; órfão – órfã.

3. Abreviaturas: redução da extensão da palavra, que passa a valer pelo todo. Ex.: PT (Partido dos Trabalhadores)

Os Morfemas modificativos representados por

1. Apofonia – substituição de um fonema vocábulo pertencente a um radical do mesmo paradigma (flexional ou derivacional) por mudança do timbre para indicação de significado gramatical.

2. Metátese – quando ocorre mudança de sílaba tônica.

Morfemas Ø

Alguns morfemas deixam de estar presentes nas palavras (ausentes). Essa ausência recebe a denominação de morfema \emptyset .

Ex. O plural em português é marcado pelo morfema / s/ : casa / casas; jardim/ jardins. Palavras como lápis e simples que já carregam o morfema / s/ no singular não se modificam no plural. Dizemos então que estas palavras estão sinalizadas pelo morfema \emptyset .

Classificação dos Morfemas

Em português os Morfemas podem ser classificados em:

Radical

É o elemento irreduzível e comum às palavras de uma mesma família. Na série pedra, pedreiro, pedreira – o segmento **pedr** é o radical, pois satisfaz as exigências acima. A raiz da palavra também recebe a denominação de Semantema.

Afixos: prefixos e sufixos.

Chamam-se afixos os elementos que se juntam ao radical para mudar-lhe o sentido, acrescentar-lhe uma idéia secundária ou ainda, mudar a classe gramatical do vocábulo. Ex.: Padre/ padrego (houve uma mudança de sentido); bom/ bondade (o adjetivo bom passou ao substantivo bondade). Os afixos ao radical denominam-se **prefixos** e os pós-ostos ao radical chama-se **sufixos**.

São exemplos de prefixos: **im**possível, **des**atar; **super**por. E de sufixos: pequen**ino**; dormit**ório**, espirit**ual**.

A diferença fundamental entre os prefixos e os sufixos, é que, diferente do sufixo, o prefixo não contribui para a mudança de classe do radical. Se acrescentarmos ao adjetivo leal o sufixo **dade**, ele passa a substantivo leal**dade**;o mesmo não ocorre se acrescentarmos o prefixo **des**, o adjetivo leal passa a **des**leal, que também é adjetivo.

Desinências

São os morfemas terminais das palavras variáveis. Existem **desinências nominais**, que encerram a idéia de gênero e número, e as **desinências verbais** que exprimem modo e tempo (modo-temporais) e indicam número e pessoa (número-pessoais).

Tanto sufixos quanto as desinências são morfemas terminais das palavras. No entanto, existem duas diferenças relevantes entre eles: a primeira é que, as desinências fazem a concordância das palavras na frase:

Os homens trabalhadores prosperam

Os e trabalhadores concordam com o sujeito homens em gênero e número; o sujeito homem e o verbo prosperam concordam em número e pessoa. Enquanto que os sufixos possibilitam a criação de novas palavras. Se acrescentarmos o sufixo **eiro** ao substantivo **manga**, teremos outro substantivo, **mangueira**; outra diferença é que as desinências são morfemas que não se pode dispensar – toda forma verbal portuguesa está associada às noções modo e tempo e de número e pessoa.

Com estas consideração, Valter Kehdi diz que o grau, ao contrário do que dizem muitas de nossas gramáticas, não constitui um caso de flexão e que o substantivo flexiona-se apenas em gênero e número. Pois a expressão do grau não implica concordância, não havendo, portanto, obrigatoriedade do uso desse elemento em: casinha bonita, em vez de casinha poderíamos dizer casa pequena. Sendo assim, a expressão de grau é um caso de derivação prefixal.

Desinências nominais

a) **De gênero** – masculino Ø, feminino – a .

Muitas gramáticas consideram o –o como marca de masculino em oposição ao –a feminino. Mattoso Câmara diz que não existe desinência de gênero masculino, ele considera o –o, como vogal temática;

b) **De número** – singular Ø (ausência de desinência), plural -s.

Desinências verbais

a) número pessoal e b) Modo temporal

1ª P.S. ∅ – passo -o = variante do presente do indicativo 2ª P.S. -s – passas 3ª P.S. -∅ – passa 1ª P.P. -mos – passamos 2ª P.P. -is – passais 3ª P.P. -m – passam
Alomorfes (variantes) Pres. Ind.: 1ª P.S. -o e 2ª P.P. -des. Pret. Perf. Ind. 1ª P.S. -i, 2ª P.S. -ste, 3ª P.S. -u, 2ª P.P. -stes e 3ª P.P. -ram Fut. Pres.: 1ª P.S. -i e 3ª P.P. -o/ -un. Fut. Subj./ Inf.: 2ª P.S. -es, 2ª P.P. -des e 3ª P.P. -em. Imp. Afirm. 2ª P.S. ∅ e 2ª P.P. -i/ -de .

Para o indicativo e para o subjuntivo

São vogais colocadas entre o radical e a desinência. Acrescentam-se ao radical para formar o tema da palavra. Têm a função de marcar classes de nomes e de verbos.

Presente: ∅ Pret. Imp.: (1ª conj.), -va – (-ve-, ama-va. (2ª e 3ª conj.), -ia- (-ie-), vendi-a, subi-a. pret. Perf.: (Para as cinco primeiras pessoas) ∅ (para a 3ª P.P.) -ra- canta-ra-m. pret. M-q pert.: -ra – (-re-) átonos cantara. Fut. Do pres.: -ra (-re-) tônicos canta-rei. Fut. Do Pret.: -ria (-rie-), vende-ria.
Presente: (1ª conj.) -e – cant-e. (2ª conj.) -a- vend-a, port-a. Imperfeito: -sse – canta-sse Fut. / Inf.: -r-c-re-vend-e-r, part-i-r. Gerúndio: ndo- parti-ndo Particípio: -do – parti-do.

Vogais temáticas nominais.

O: livr-o, urs-o **A:** cart-a, cas-a **E:** mont-e, val-e.

É necessário aqui diferenciar desinência de vogal temática. Para Valter Kehdi, o –o e o –a só serão desinências, quando existir uma forma masculina e outra feminina para as palavras que as mesmas encerram. Caso contrário serão vogais temáticas.

Vogais temáticas nominais

1ª configuração – a- (and-a-r).

2ª configuração – e – (colh-e-r)

3ª configuração – i- (part-i-r)

Alomorfes (variantes)

Vogais e consoantes de ligação

São elementos sem significação, que ocorrem no interior do vocábulo para facilitar a pronúncia ou por razões análogas.

* De –a-: (-e) e (-o) na 1ª e na 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo (and –e-i), (and-o-u).

De –e-: (-i), no pretérito imperfeito do indicativo, na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e no particípio passado (colh-i-a), (colh-i), (colh-i-do)

Vogais de ligação

As vogais temáticas de português são apenas duas: /i/, que compõe elementos de origem latina, e /o/, que compõe elementos de origem grega. Ex.: facilidade _ fácil + i+ dade.

* O /i/ e o /o/ só serão vogais de ligação, quando poderem ser isolados como nos exemplos acima.

* Nas composições a partir de adjetivos terminados em –io, o /i/ possui variante /e/, que servem para evitar a eufonia. É o caso de: sério/ seriedade e próprio/ propriedade.

Consoantes de ligação

As consoantes de ligação mais frequentes são /z/ e /l/, que são observadas em palavras como: café –z –al; capin-z –al; pau-l –ada e cha-l-eira. São raras as ocorrências de outras vogais de ligação, como /g/ e /t/ que figuram em palavras como: mata-g- al e café-t-eira.

Processo de Formação de Palavras

Derivação

Cada língua tem seus mecanismos de formação de palavras novas, uns até mais condensados do que outros. No caso específico da língua portuguesa, dentre vários processos destacam-se a derivação e a composição.

Limitemo-nos em primeiro plano analisamos a derivação, que segundo Bechara, esse procedimento consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos (*1) (moderna gramática de língua portuguesa: 2001, p. 357)

Compreende-se assim que essa maneira de enriquecer o léxico, articula-se em torno das formas presas – em posição anterior com os prefixos e posterior com os sufixos. Daí a classificação em derivação sufixal e prefixal.

Mattoso Câmara salienta que em português, os sufixos assumem funções diversificadas, as quais servem não para acrescentar a um semantema (* 2) uma idéia acessória como a de grau e a de aspecto, mas também para transpor uma palavra de uma classe para outra. Observe: famoso. De forma; cantor de canto.

Dentro desses lineamentos, há escritores que classificam o sufixo em três categorias: verbal quando concorre para a formação de verbos – entarde(cer), namor(icar), relamp(ejar), etc. Nominal quando contribui para a produção de substantivo e adjetivos – orelh(udo),

bel(íssimo); adverbial quando agrupa-se a outro vocábulo para formar advérbio, tais como: tri(eza), real (mente) (* 3).

Vale lembrar que existem casos especiais em que o sufixo é aparentemente aumentativo. Veja-se o que acontece nesta frase: “João, traga-me por favor àquele calção...!”. Constata-se, no entanto, que o nome fixado não corresponde a calça grande.

Acresce que os principais prefixos (*4) ocorridos em português são de procedência latina ou grega. Do latim, tem-se por exemplo, a- < ad (avizinhar), ben- ou bem- < bene (benfazer, bem-aventurança), e do grego os vocábulos a – acefalo etc.

A propósito, considerada um problema para alguns estudiosos e solução para outrem, a derivação parassindética abolida pela NGB, constitui um processo formado por prefixação ou sufixação simultânea. Exemplo: desalmado, inquebrável, anoitecer.

Quanto a derivação regressiva ou deverbal, esta se propõe a formar palavras por analogia, pela subtração de algum sufixo, dando a falsa impressão de serem vocábulos derivantes. Exemplo: lutar (luta), embarcar (embarque). Assim afirma Bechara (2001, p. 370.)

Insera-se também nesse processo, a reduplicação que é um recurso para criar palavra marcada pela expressividade. Consiste, entretanto, na repetição de uma vogal ou consoante. Exemplo: vovô, cacá, tique-taque, etc.

Outro mecanismo muito limitado é a abreviatura de alguns compostos formados por radicais gregos ou latinos. De cinematográfico, obtêm-se a abreviatura cinema; automóvel – auto; motocicleta-moto etc.

José Lemos revela em um de seus ensaios que na língua portuguesa há infixo, circunfixos, interfixos. Além dessas modalidades ainda acrescenta o infixo, o que contraria não só o pensamento do lingüista Mattoso Câmara e do filósofo Bechara, mas de muitos estudiosos.

A título de ilustração, note-se nos vocábulos esquec-i – mento e grat- i- dão, um elemento destituído de significação, o qual une o radical a um infixo. Para tanto, esse fragmento que realiza a articula-

ção entre a raiz de certos derivados é o que Lemos classifica de interfixo.

(* 1) Afixo é um segmento fônico, o qual se incorpora a palavra ou radical, com a finalidade de criar outras palavras. Podendo modificar o sentido ou função do vocábulo.

(* 2) Semantema é o elemento da palavra que expressa a significação externa.

(* 3) Há autores que consideram -mente, como única forma verbal.

(* 4) Diversos estudiosos incluem a prefixação no processo de composição. Mattoso Câmara, Coutinho Lemo, etc.

Composição

Na composição ocorre a formação de novas palavras, que inclusive adquirem outro significado. Ex.: Guarda-chuva.

E também na composição aparece ao menos dois radicais.

Tipos de composição

a) Por justaposição: se dá quando dois vocábulos se unem formando um novo, sem que haja perda de elemento. Ex.: Couve-flor.

b) Por aglutinação: é a união de dois radicais em que a palavra sofre alterações. Ex.: Planalto.

Uso de Hífen nos compostos

Explicitaremos o assunto através da colocação de Celso Pedro Luft, no grande Manual de Ortografia Globo. Citado por Valter Kehdi:

1- apresentar unidades semântica: a significação global deve ser diferente da significação individual dos elementos constitutivos.

Examine-se a título de exemplo o contraste: mesa-redonda/ mesa redonda;

2- Ter consciência dos elementos constitutivos que conservam a realização prosódica normal dos fonemas e acentos. Note-se, por exemplo, os timbres diferentes do o nos contrastes: roda-gigante (com o o aberto)/ rodapé (com o fechado);

3- Serem formas livres os elementos componentes: alça/ pé/ alçapão (de alça e pões) (Kehdi, 37-38).

É claro na disposição dos termos compostos obedece uma sequência, na qual não pode ser inscrito outro elemento. Ex.: Honesto guarda-civil

Guarda – honesto – civil

É certo que qualquer dos elementos constituintes do composto, não é plausível de substituição onde vier retirado do mesmo. Ex.: fazer auto-relevo

Fazer alto \emptyset

Fazer \emptyset relevo

Sabe-se que os compostos tem formação sintática que foge ao padrão. Ex.: surdo-mudo (há uma junção de 2 substantivos sem o auxílio de uma conjunção).

Entende-se que o composto exemplifica um só vocábulo.

Ex.: Comprei um pão-de-ló

Comprei um pão.

Estrutura dos nomes compostos

Há uma grande variação no que diz respeito a estrutura dos vocábulos em português.

- 1- Substantivo + substantivo: mãe-pátria;
- 2- Substantivo + preposição + substantivo: baba-de-moça
- 3- Substantivo + adjetivo: belas-artes;
- 4- Adjetivo + adjetivo: surdo-mudo;
- 5- Pronome + substantivo: Nosso Senhor

- 6- Numeral + substantivo: três-Marias
- 7- advérbio + substantivo/ adjetivo/ verbo: benquerença/ sempre-vivas/ be querer.
- 8- Verbo + substantivo: lança perfume;
- 9- Verbo + (conjunção) + verbo: corre-corre/ leva-e-traz;
- 10- Verbo + advérbio: pisa-mansinho;
- 11- Um grupo de palavras ou uma frase inteira: Um Deus nos-acuda/ mais vale um toma do que dois darei” (Kehdi , 42-43)

BIBLIOGRAFIA

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*, 37ª ed. Rio de Janeiro : Lucerna, 2000.

CAMARA, Jr., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*, 20ª ed. Petrópolis : Vozes, 1991.

MACAMBIRA, José Rebouças. *Português estrutural*. 2ª ed. São Paulo : Pioneira, 1978

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Nova gramática da língua portuguesa*. 11ª ed. Rio de Janeiro : Metáfora, 2001.

EXERCÍCIOS DE MORFOSSINTAXE

Albetiza Rodrigues Vieira (UFAC)

Francisco Cláudio Lopes (UFAC)

Maria Aniceta Cacau Nunes (UFAC)

Rosilda Maria Oliveira da Cunha (UFAC)

Sérgio Torres dos Santos (UFAC)

INTRODUÇÃO

Morfologia é a parte da gramática que se ocupa das palavras quanto à sua estrutura e formação, bem como quanto às suas flexões e classificação, tendo em vista dois pontos de vista diferentes: *sincrônico* – estado atual, descritivo, ou *diacrônico* – processo evolutivo, desde a mais antiga fase até os dias atuais.

Sintaxe é a parte da gramática que se ocupa com a disposição, função e relação das palavras nas frases; das frases nas orações e das orações nos períodos.

Morfossintaxe é o estudo das palavras nos aspectos morfológico e sintático, simultaneamente.

Objetivos gerais

Enquanto alunos da disciplina morfossintaxe, que ocupa-se com as palavras tanto na área morfológica, quanto na sintática, pretendemos com este trabalho, ampliar nossos conhecimentos referentes a esta parte da gramática.

É nosso objetivo ainda, comprovar que, um mesmo vocábulo pode desempenhar funções variadas, dependendo de sua disposição, função e relação dentro de uma frase, oração ou período.

Objetivo específico

Considerando-se que as palavras desempenham diferentes funções e que estas são identificadas de acordo com a relação e disposição dos vocábulos nas orações, procuraremos oferecer exercícios práticos sobre o assunto, visando à compreensão das possibilidades

que as palavras nos oferecem para melhorar nossa produção e interpretação da linguagem.

Justificativa

Optamos por trabalhar com exercícios de morfossintaxe por ser uma atividade integrante do dia-a-dia de um falante, o que torna este assunto em um rico objeto de estudo, além de nos possibilitar um maior conhecimento da língua portuguesa.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Várias são as formas de estudar a norma culta da língua portuguesa.

Neste trabalho, o estudo está dividido em:

1 – *Morfologia* – estudo das palavras. (restrito a classificação).

2 – *Sintaxe* – estudo das funções sintáticas desempenhadas pelos vocábulos dentro de uma estrutura.

Para classificar um vocábulo existem três critérios a serem seguidos.

1 – Semântico – modo de significação (extralingüístico ou intralingüístico).

2 – Mórfico – Caracterização da estrutura da palavra.

3 – Sintático ou **funcional** – função ou papel da palavra na oração.

Quadro resumo das classes de vocábulos em português.

Substantivo – Palavra que funciona com o núcleo de uma expressão ou com o termo determinado, palavra formada por base lexical mais morfemas gramaticais, palavra que designa os seres ou objetos reais ou imaginários.

Adjetivo – Palavra que funciona como especificador do núcleo de uma expressão (ao qual atribui um estado ou qualidade), palavra formada por morfema lexical (base de significação) mais morfemas gramaticais, palavra que especifica e caracteriza seres animados ou inanimados reais ou imaginários atribuindo-lhes estados ou qualidades.

Pronome – Palavra que substitui o núcleo ou funciona como termo determinante do núcleo de uma expressão, palavra formada unicamente por morfema gramatical, palavra que serve para designar as pessoas ou coisas, indicando-as (não nomeia as pessoas ou coisas nem as qualidades, ações, estados, quantidades, etc.). Pronomes: pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos.

Artigo – Palavra que funciona como termo determinante do núcleo de uma expressão, palavra formada unicamente por morfema gramatical (palavra variável em gênero e número, palavra que define ou indefine o substantivo a que se refere (definido, indefinido).

Numeral – Palavra que funciona como especificador do núcleo de uma expressão, ou como substituto desse mesmo núcleo. (numeral: substantivo, adjetivo), palavra formada unicamente por morfema gramatical, palavra que indica a quantidade dos seres, sua ordenação ou proporção (cardinal, ordinal, múltiplo, fracionário, coletivo).

Verbo – Palavra que funciona como núcleo de uma expressão ou como termo determinado, palavra formada por morfema lexical (base de significação) mais morfemas gramaticais, palavra que indica um processo (ações, estados, passagem de um estado a outro). Processo verbal => fenômeno em desenvolvimento, com indicação temporal.

Advérbio – Palavra que funciona basicamente como determinante de um processo verbal, advérbios formados por morfema lexical mais morfema gramatical. Advérbios formados apenas por morfema gramatical, palavra que especifica a significação de um processo verbal.

Funções sintáticas das classes gramaticais

- *Artigo*: Sempre desempenhará a função sintática de adjunto adnominal.

A floresta é um lugar para se fazer uma festa?

- *Substantivo*: Exerce qualquer função sintática.

1 – sujeito: Os pais são dignos de amor.

2 – Objeto direto: Ana adora seus pais.

3 – Objeto indireto: Júlia gosta dos pais.

4 – Predicativo: Eles são meus pais.

5 – Complemento Nominal: Eles sentem saudades dos pais.

6 – Agente da passiva: Os filhos são amados pelos pais.

7 – Adjunto adverbial: Falou-se muito a respeito dos pais.

8 – Adjunto adnominal: Ela retornou à casa dos pais.

9 – Aposto: João e Ana, pais do menino, viajaram.

10 – Vocativo: “Pai, afasta de mim este cálice”.

- *Adjetivo* - O adjetivo funciona como adjunto adnominal ou predicativo.

O entusiasmo do professor chegou.

O professor chegou entusiasmo.

- *Pronome* - O pronome adjetivo é adjunto de um substantivo, por isso funciona como adjunto adnominal.

O pronome substantivo exerce praticamente as mesmas funções do substantivo.

- Termos da oração

Os termos:

Termo é a palavra ou locução consideradas como elementos funcionais da oração. Palavra ou grupo de palavras que participam da estrutura de uma oração, como um de seus constituintes.

1 – Termos essenciais:	Sujeito Predicado Predicativo
2 – Termos integrantes:	Complementos verbais + objeto direto e indireto. Complemento nominal + predicativo do sujeito e do objeto. Agente da passiva
3 – Termos acessórios:	Adjunto adnominal Adjunto adverbial Aposto
4 – Termo Independente:	Vocativo

Termos essenciais

Sujeito

- a) Conceito: O sujeito pode ser o termo sobre o qual se declara alguma coisa; o agente ou paciente da ação verbal e que invariavelmente concorda com o verbo.

Aspectos	Definição	Exemplos
Semântico	É o tema da oração complexa	A vida humana
Sintático	Relaciona-se ao verbo.	O homem defende seus direitos
Mórfico	É constituído de um sintagma nominal	A flor é bela.

1.1 Predicado

- a) Conceito: É tudo o que é declarado a respeito do sujeito ou, que se torna a expressão absoluta de um fato.

Aspectos	Definição	Exemplos
Semântico	Comunica uma informação sobre o sujeito	A vida humana é complexa .
Sintático	Relaciona-se com o núcleo do sujeito.	O homem defende seus direitos .
Mórfico	Organiza-se em torno do verbo	As flores são belas .

Predicativo

- a) Conceito: Qualidade ou condição atribuída ao sujeito ou ao objeto através de um verbo qualquer, especialmente um verbo de ligação.
- b) Classifica-se em:

Predicativo do sujeito

Atribui qualidade ou condição ao sujeito.

Ex.: “Ela ficou triste”.

Aspectos	Definição	Exemplos
Semântico	Informa estado do sujeito	Ela ficou triste .
Sintático	Refere-se ao sujeito. É o núcleo do predicado nominal ou um dos núcleos do predicado verbo-nominal	Ela parece nervosa .
Mórfico	É constituído de adjetivo ou Grupo nominal	O homem é um animal racional . Ele está preocupado .

Predicativo do objeto.

Atribui qualidade ou condição ao objeto.

Ex.: “Denise comprou **jóias caríssimas**”.

Aspectos	Definição	Exemplos
Semântico	Informa estado do objeto	Acho sua roupa bonita .

	atribuído pelo sujeito.	
Sintático	Refere-se ao objeto. É um dos núcleos do predicado verbo-nominal.	Julgaram-no inocente .
Mórfico	É constituído de adjetivo ou grupo nominal	Acho sua proposta indecente . Ela é um anjo .

Termos integrantes

a) Conceito

Denominam-se termos integrantes aqueles que completam o sentido de determinadas estruturas.

- Complementos verbais;
- Complemento nominal;
- Agente da passiva.

Complementos verbais

São os termos que complementam um verbo transitivo.

b) Classificação

Dependendo do tipo de verbo, o complemento verbal é chamado objeto direto ou objeto indireto.

Objeto direto

Completa o sentido de um verbo transitivo, normalmente sem preposição, havendo casos especiais em que ele aparece preposicionado. Indica o ser para o qual se dirige a ação verbal.

Ex.: Você atravessou o rio.

Terminei o trabalho.

O objeto direto pode vir representado também pelos pronomes os, a, as, me, te, se, nos, e vos.

Ex.: Entreguei o trabalho ao professor.

Entreguei-o ao professor.

Convidou-nos para a festa.

Há casos em que o objeto direto deve vir preposicionado. Não porque o verbo assim o exija mas, por necessidades expressivas ou por razões morfossintáticas.

Ex.: Amava a todos sem distinção.

Objeto direto Pleonástico – É quando há uma repetição do objeto direto na mesma oração. Uma das formas é sempre um pronome pessoal átono.

Ex.: O presente guardei-o com carinho.

Aspectos	Definição	Exemplos
Semântico	É o alvo da ação do sujeito	Terminei <u>o trabalho</u> .
Sintático	Refere-se a um verbo transitivo direto	Terminei <u>o trabalho</u> VTD OD
Mórfico	É constituído de um grupo nominal	Terminei <u>o trabalho</u> .

Objeto indireto

É o termo que completa o verbo transitivo indireto, com auxílio de preposição. Indica o destinatário ou beneficiário da ação, nos verbos transitivos diretos e indiretos. Nos transitivos indiretos pode ser substituído por “lhe”.

Ex.: Sonhei com você esta noite.

Resistiu ao mesmo tempo.

O objeto indireto pode vir também representado pelos pronomes me, te, se, nos e vos.

Ex.: Pediram-me novas explicações.

Objeto Indireto Pleonástico – Repetição da função sintática dando ênfase a um determinado significado dentro da oração.

Ex.: A ela falou-lhe do seu amor.

O objeto direto e indireto podem aparecer concomitantemente nas orações, dependendo do verbo.

Ex.: “Se ele não te deu amor”.

OI OD

O objeto indireto pode ser definido com base em três aspectos:

Aspectos	Definição	Exemplos
Semântico	É o alvo (objeto) da ação do sujeito	Ele precisa <u>de estímulos</u> .
Sintático	Refere-se a um verbo transitivo indireto	Ele precisa <u>de estímulos</u> . VTI O IND
Mórfico	É constituído de preposição + grupo nominal.	Ele precisa <u>de estímulos</u> . Prep. GN

Complemento Nominal

Conceito: É um termo regido de preposição, servindo de complemento a nomes. Completa um nome (substantivo, adjetivo e advérbio), no que se refere a sua significação ou sentido, indicando o alvo do processo expresso pelos mesmos.

a) Complemento nominal de um substantivo:

“Dê notícias de você”.

b) Complemento nominal de um adjetivo:

“Sou tão dependente de você”.

c) Complemento nominal de um advérbio:

“Vem para perto do meu peito”.

Aspectos	Definição	Exemplos
Semântico	Completa a significação transitiva de um nome.	O cumprimento <u>às leis</u> é obrigação de todos.

Sintático	Refere-se a um substantivo, adjetivo ou advérbio	O cumprimento <u>às leis</u> . O trabalho é agradável a <u>todos</u> .
Mórfico	É constituído de preposição + grupo nominal	O cumprimento <u>as leis</u> obrigação de todos.

Agente da passiva

Conceito: É o termo que permite a transformação do agente da passiva em sujeito da voz ativa.

Voz passiva analítica.

Ex.: Joana colheu as flores

Suj. voz ativa OD

As flores foram colhidas por Joana.

Suj. voz passiva ag. da passiva

O homem foi criado por Deus.

V. ser participio Ag. passiva

Deus criou o homem (voz ativa).

Passiva sintética ou pronominal.

Ex.: Vendem-se carros?

VTD PA Suj. Ag. da passiva

Agente da passiva fica indeterminado.

Carros são vendidos.

Suj.

Aspectos	Definição	Exemplos
Semântico	Realiza a ação	Ela foi aplaudida <u>por todos</u> .
Sintático	Refere-se ao verbo	Ela foi aplaudida <u>por todos</u> . verbo
Mórfico	É constituído de pre-	Ela foi aplaudida <u>por todos</u> .

	posição (por) + grupo nominal	Prep. GN
--	-------------------------------	----------

Adjunto adnominal

Conceito: É o termo que pode ser expresso pelos (artigos, adjetivos, numerais, pronomes possessivos, demonstrativos, indefinidos, locuções adjetivas) que acompanham o núcleo substantivo, delimitando ou especificando o significado deste substantivo.

Ex.: Noite de luar.

Adj. Adnominal

A mesa da professora.

Subs. Conc. Adj. Adnominal

Aspectos	Definição	Exemplos
Semântico	Especifica o significado do substantivo	Aquele foi <u>o meu o primeiro</u> amor.
Sintático	Refere-se ao substantivo núcleo do grupo nominal	Vi <u>um filme de ação</u> .
Mórfico	É constituído de artigo, adjetivo, pronome adjetivo e locução adjetiva (=prep. + GN).	Vi <u>um filme de ação</u> .

Adjunto adverbial

Conceito é o termo que determina ou modifica o sentido e circunstâncias relacionadas ao verbo, podendo variar de locuções adverbiais, adjetivas ou advérbios. Situa a ação do predicado, dando idéia de lugar, modo, intensidade, etc.

Existem as mais diversas classificações de adjunto adverbiais. Os mais utilizados, entretanto são os seguintes.

a) Advérbio de lugar – Indica o local onde se desenvolve uma ação. É reconhecido através da indagação “onde?”, ou suas variações.

Ex.: Ana e Fábio trabalhavam num escritório.

b) Advérbio de tempo – Demonstra o momento ou época em que ocorreu determinado fato. Pode ser identificado através da pergunta “quando?”.

Ex.: “Todos os dias quando acordo não vejo mais o tempo que passou”. (Legião Urbana).

c) Advérbio de modo – Versa sobre a maneira da qual se dá uma circunstância. Se reconhece através da pergunta “como?”.

Ex.: “Com açúcar, com afeto, fiz seu doce predileto”, (Chico buarque de Holanda).

d) Adjunto adverbial de intensidade – Especifica a forma como os fatos se deram, no que se refere à intensidade. Responde a pergunta “quanto?”.

Ex.: “... mas tenho muito tempo...”. (Legião urbana).

e) Adjunto adverbial de causa – Demonstra os motivos pelos quais ocorreram determinados fatos. É reconhecido através da pergunta “porque?”.

Ex.: “Como a cigarra arrebenta tanta luz ...”. (Simone).

f) Adjunto adverbial de companhia – Indica a existência de alguém ou algo que acompanha a ação, fato ou estado. Responde à pergunta com quem?”.

Ex.: Fui ao mercado com meu pai.

“Se você vier pro que der e vier comigo” (Geraldo Azevedo).

g) Adjunto adverbial de finalidade - Indica o objetivo de determinada atitude ou ação. Responde à pergunta “para quê?”.

Ex.: “Ana Luisa trabalha para sustentar seus irmãos”.

“Tudo, tudo só pra Ter uma noite com você”. (Vando).

h) Adjunto adverbial de instrumento – É relativo à maneira utilizada para se chegar a um objetivo tocante ao fato, ação ou circunstância.

É identificado através da pergunta “com quê?”.

Ex.: Ela passava a roupa com ferro quente.

i) Adjunto adverbial de dúvida – É aquele que demonstra incerteza em relação à determinado fato.

Ex.: Talvez eu mude de idéia.

j) Adjunto adverbial de negação – É o que nega o fato, caracterizando tal circunstância.

Ex.: Nem que o mundo caia sobre mim, as pazes contigo eu farei”.

l) Adjunto adverbial de meio – Demonstra o meio através do qual a ação é desenvolvida.

Ex.: Ir a São Paulo de carro seria demorado.

m) Adjunto adverbial de afirmação – Afirma o fato.

Ex.: Esse sim, era seu amigo.

Essas seriam as circunstâncias mais comuns da ocorrência dos adjuntos adverbiais na língua portuguesa. Outros tipos de adjuntos adverbiais como de assunto, de origem, de preço, de troco, de opinião entre tantos outros também ocorrem em nossa língua e para enfatizar a todos seria necessário uma pesquisa voltada exclusivamente para esse fim.

Aspectos	Definição	Exemplos
Semântico	Indica circunstância	Chegou <u>cedo</u> ao trabalho
Sintático	Refere-se ao verbo, adjetivo ou advérbio	Chegou <u>tarde</u> . Ele é <u>muito</u> bonito Chegou <u>bem</u> tarde
Mórfico	É constituído de advérbio ou locução adverbial	Chegou <u>cedo</u> <u>ao</u> <u>trabalho</u> . Adv. Loc. Adv.

Aposto

Conceito – Palavra ou expressão que explica outro termo, vindo na frase, geralmente depois desse termo que procura explicar e que pode ser substantivo, pronome ou verbo. Normalmente aparece separado ou entre vírgulas.

O aposto também apresenta diversificações podendo ser explicativo, enumerativo, recapitulativos, comparativo, circunstancial, oracional e distributivo.

Na linguagem enfática o aposto vem antes do termo a que se refere.

Ex.: Cidade satélite. Taguatinga é um grande centro comercial do Distrito Federal.

a) Aposto explicativo – Evidência uma explicação do fato principal da ação e, geralmente, aparece entre vírgulas.

Ex.: Castro Alves o poeta da abolição faleceu ainda jovem.

b) Aposto enumerativo – Explica o fato a que se refere, enumerando-o.

Ex.: Tudo nele era sadio corpo alma e sentimentos.

c) Aposto resumidor – Resume vários aspectos num só termo.

Ex.: Ele tinha a família, o trabalho, o lazer, a saúde, tudo o que qualquer um desejaria.

d) Aposto comparativo – Indica uma comparação do elemento principal.

Ex.: Aquela criança, um verdadeiro anjinho, era a dona do seu coração.

e) Aposto circunstancial – É limitado a uma determinada situação vinculada ao fato principal.

Ex.: Como empresário ele era um homem brilhante.

f) Aposto especificativo – Refere-se a títulos ou termos gerais, especificando-os.

Ex.: Rua das nações

O engenheiro Jorge Rodrigues chegou ontem.

g) Aposto ovacionar – Explica fato relacionado a uma ação.

Ex.: Tudo nele era sombrio, que causava certa estranheza.

Vocativo

a) Conceito – É o termo que não tem importância na estrutura da ação. Elemento à parte pode vir acompanhado da interjeição vocativa. Difere do aposto justamente pôr não manter ligação necessária com a frase.

Ex.: Ó Lúcia vem cá!

Caro leitor dirijo-me a você neste momento.

Aspectos	Definição	Exemplos
Semântico	Indica chamamento	<u>Meninos</u> venham até aqui
Sintático	Não se refere a nenhum termo da oração. Pode estar em qualquer posição na frase separa-se dos demais termos pôr um sinal de pontuação, geralmente a vírgula	<u>Meninos</u> venham até aqui Venham <u>meninos</u> , até aqui. Venham até aqui <u>meninos</u> .
Mórfico	É constituído de advérbio ou Locução adverbial	Chegou <u>cedo ao trabalho</u>

METODOLOGIA

O presente trabalho propagou-se de forma gradual, tendo início com as aulas expositivas, ministradas pelo professor Jesé Pereira.

Como fundamento teórico foram utilizados materiais fornecidos e indicados pelo referido professor, bem como outros citados na bibliografia.

Os exercícios estão dispostos, primeiramente, seguidos da chave de correção.

DESENVOLVIMENTO

Exercícios gerais de Morfossintaxe

1- Nas questões seguintes, diga a que classe gramatical pertence as palavras destacadas e diga a função sintática das mesmas:

- | | |
|---|--|
| a) Pedro, enlouquecido , saiu da reunião. | j) Paulo não obedece às leis de trânsito. |
| b) Não os vejo fazer um bom tempo. | k) Você, Astronobalda , não merece respeito. |
| c) A redação do jornal estava fechada. | l) O exercício foi resolvido por ele . |
| d) Elas são atenciosas para com todos. | m) Ela os tem como irmãos. |
| e) Os alunos foram aprovados. | n) Marionília não se deu o luxo. |
| f) Os culpados são quatro . | o) A rua Minas Gerais foi interditada. |
| g) No ano passado, Lúcia leu bastantes livros. | p) A criança chorou de novo . |
| h) Você precisa comer bastante . | q) Não sei o que ela queria dizer. |
| i) Aquelas pessoas têm necessidade de ajuda . | r) As crianças cujos pais viajaram estão preocupadas. |

2-Classifique quanto à predicação os seguintes verbos:

- | | |
|--|---|
| a) Ela confia nos amigos. | g) Leodegário passou por aqui. |
| b) Existe um só Deus. | h) As senhoras permanecem chateadas. |
| c) Astronobalda passou a líder. | i) Eles permanecerão no mesmo lugar. |
| d) Tudo na vida passa . | j) As crianças continuam doentes. |
| e) Os sonhos sumiram . | |
| f) Astrulgência passou a roupa. | |

- k) O vento **virou** o barco. o) **julgavam-no** capaz.
- l) Depois de uma desilusão amorosa, Lalá **virou** a cabeça. p) Os moradores lhe **pediram** ajuda.
- m) O trem **chegou, apitou e parou**. q) Edésia **nasceu** rica.
- n) O tempo **voa** , benzinho. r) Pedro não **deu** flores para a namorada.

3– Identifique sintaticamente o conseqüente das seguintes estruturas trimembres . Use **AADN**, para adjunto adnominal, **AADV** para adjunto adverbial; **OI** para objeto indireto, **CN** para complemento nominal; **AGP** para agente da passiva e **PRED**, para predicativo.

- a) Café **com pão**. m) A entrega **dos mantimentos**.
- b) Pense **no futuro**. n) Os desejos **de Antonieta**.
- c) Cedoo chegaremos **a Barretos**. o) Desejoso **de vitória**
- d) Luma era **de Salvador**. p) Obedecemos **às leis**.
- e) A casa foi vendida **pelo corretor**. q) Obediência **às leis**.
- f) A entrada **do prédio**. r) A compra **dos cartazes**.
- g) A entrada **no prédio**. s) Moro longe **do centro**.
- h) O retorno **da cavalaria**. t) Estava certa **de seus sentimentos**.
- i) A água **da fonte**. u) A redação **do aluno**.
- j) O gosto **pela leitura**. v) A redação **do jornal**.
- k) Não se faça **de bobo**. w) O gosto **de chocolate**.
- l) Não se esqueça **do jornal**. x) Ela é querida **de todos**.

CHAVE DE CORREÇÃO

Questão número 01.

- | | |
|-------------------------------------|---|
| a) adjetivo/adjunto adnominal | j) substantivo/ obj. indireto |
| b) pronome subst./ objeto direto | k) substantivo/ vocativo |
| c) substantivo/adj.adnominal | l) pronome substantivo/ agente da passiva |
| d) adjetivo/ predicativo do sujeito | m) pronome substantivo/ obj. direto |
| e) substantivo/ sujeito | n) conjunção/ obj.indireto |
| f) numeral/ predicativo do sujeito | o) substantivo/ aposto |
| g) adjetivo/ adjunto adnominal | p) locução adverbial/ adj.adv |
| h) advérbio/ adjunto adverbial | q) conjunção/objeto dire |
| i) substantivo/ complemento nominal | r) pronome/ adj. Adnominal |

Questão número 02

- a) VTI b) VI c) VL d) VI e) VI f) VTD g) VI h) VL
i) VI j) VL k) VTD l) VL m) VI,VI,VI n) VI
o) VTD p) VTDIq) VL r) VTDI

Questão número 03

- a) AADN b) OI c) AADV d) PRED e) AGP f) AADN
g) CP h) AADN i) AADN j) CN k) PRED l) OI
m) CN n) AADN o) CN p) OI q) CN r) CN
s) CN t) AADN u) CP v) CP x) AGP

CONCLUSÃO

O presente trabalho foi de grande importância para nós, enquanto alunos de pós-graduação em Língua Portuguesa. Falante do português e professores de língua portuguesa, haja visto que me pro-

porcionou uma revisão de morfossintá__, percebendo assim a riqueza que contém cada palavra, desde a sua formação até à função desempenhada pela mesma dentro de uma estrutura lingüística, durante a realização deste trabalho, serviram para comprovar que ensinar e estudar a norma culta da língua portuguesa é um desafio, pois há uma grande diferença entre ela a língua falada pela maioria dos brasileiros.

Diante de tal constatação percebe-se a responsabilidade que cada professor de língua portuguesa tem de demonstrar aos alunos a importância de conhecer e dominar a norma culta, tendo consciência de que é a maneira de participar ativamente da vida em sociedade.

BIBLIOGRAFIA

RIBEIRO, Manoel Pinto. *Gramática Ampliada da Língua Portuguesa*. 11ª ed. Rio de Janeiro : Metáfora., 2000.

NICOLA, José de & INFANTE, Ulisses. *Gramática Essencial*. 11ª ed. São Paulo : Scipione. 1997.

NEOLOGISMOS NA LINGUAGEM DO SERINGUEIRO ACREANO

Evanéa Barros de Araújo (UFAC)
Girlânia de Sousa Pereira Calderon (UFAC)

INTRODUÇÃO

Para a feitura desse trabalho, seguiu-se os conceitos de alguns teóricos, porque informam, auxiliam e dirigem à obtenção dos resultados aqui apresentados.

O estudo da história da língua portuguesa nos revela que o léxico português, basicamente de origem latina, tem ampliado seu acervo por meio de mecanismos oriundos do latim, a derivação e a composição.

Além desses recursos, que utilizam elementos da própria língua, o idioma português tem herdado unidades léxicas de outros sistemas lingüísticos desde o início de sua formação: empréstimos provenientes de contatos íntimos entre a comunidade de fala portuguesa e outros povos e empréstimos culturais, fruto de relações luso-brasileiras com outras sociedades.

Contemporaneamente, é sobretudo da língua inglesa que o português tem recebido empréstimos, particularmente abundantes nos domínios técnico e científico.

Sendo a língua um patrimônio de toda uma comunidade lingüística, a todos os membros dessa sociedade é facultativo o direito de criatividade léxica. No entanto, é através dos meios de comunicação de massa e de obras literárias que os neologismos recém-criados têm oportunidade de serem conhecidos e, eventualmente, de serem difundidos.

Definição e objetivos

Neologismos são palavras ou expressões novas que se introduzem ou tentam introduzir-se na língua. Considera-se também neologismo o uso de uma palavra antiga com acepção nova. Para tanto diz DARMESTER,

Quando a língua cria sentidos novos, dá as palavras já existentes funções que lhes eram até então desconhecidas. Sem parecer atingir o léxico, ela faz, na realidade dessa palavra, uma verdadeira palavra nova, por isso que, com economia de som, dá a uma mesma forma funções diferentes.

É através da língua que o homem expressa suas idéias, sua cultura e a todo instante ela contribui para sua renovação e transformação. “*Não há, afirma RUI BARBOSA, língua definitiva e inalteravelmente formada. Todas se formam, reformam e transformam continuamente*”. Isso é notável porque a língua representa o homem e o espírito humano possui a ânsia da novidade.

A assinalar as novas conquistas nas ciências, nas artes, na tecnologia, na indústria, no comércio, etc, fica, no vocábulo de cada povo, um número apreciável de termos, que serve bem de índice aos vocábulos “estranhos”.

Com o desenvolvimento do conteúdo pretende-se conscientizar o aluno de um conhecimento que ele já possui, embora nem sempre perceba isso.

Reconhecemos a importância do estudo das ocorrências lingüísticas tal como se concretizam nos atos de comunicação. O lugar de destaque ocupado atualmente pela Pragmática nos indica um caminho muito mais voltado ao contexto em que ocorrem as manifestações da língua, muito mais voltado a outras dimensões – sociais, culturais, cognitivas ou psicológicas – além da lingüística. A chamada gramática funcional (em oposição à gramática formal) é, conseqüentemente, muito mais viva e dinâmica porque analisa a competência comunicativa e não apenas a competência lingüística imanente do indivíduo.

Justificativa

Nas atividades da sala de aula, são incontáveis as oportunidades que se apresentam, possibilitadoras da exploração da língua falada como uma rede de relações utilizada na interação social. Nada mais rico que um trabalho calcado na realização do próprio grupo usuário da língua para mostrar a força persuasiva, a eficácia do discurso e os efeitos que produzem nos ouvintes. Em situações concre-

tas de comunicação, condicionadas por diversos fatores, chega-se de forma mais natural às regularidades do sistema.

Metodologia

Utilizou-se o material do Projeto Centro de Estudos Dialectológicos do Acre – CEDAC, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Luísa Galvão Lessa. Trabalhou-se com cinco cadernos, nestes estavam transcritos diálogos de seringueiros, sobre costumes, trabalho, crendices, dentre outros.

Estudando o léxico do homem seringueiro, foi possível observar um grande acervo de neologismos. Para qualificar e sustentar a pesquisa buscou-se conceituar e contextualizar cada verbete. Os exemplos foram transcritos da forma como aparecem nos diálogos.

Faz-se necessária a explicação de alguns critérios utilizados na transcrição dos exemplos: os três pontos (...) indica uma pausa no diálogo; a consoante “n” maiúscula indica que a vogal seguinte foi nasalizada.

NEOLOGISMOS NA LINGUAGEM DO SERINGUEIRO ACREANO

O acervo lexical de todas as línguas vivas se renova. Enquanto algumas palavras deixam de ser utilizadas e tornam-se arcaicas, uma grande quantidade de unidades léxicas é criada ou então são acrescentados novos significados às palavras já existentes em nosso idioma.

Verificam-se, na linguagem do seringueiro acreano, diversos processos de criação lexical que operam transformações formais nas palavras, seja por meio do acréscimo ou supressão de morfemas, seja por meio de um novo significado que se soma ao que a palavra já possuía. Este último será a base da nossa pesquisa.

Neologismo semântico

Segundo Ulisses Infante, neologismo semântico ocorre quando são acrescentados significados a determinadas palavras sem que elas passem por qualquer processo de modificação formal.

Percebe-se, com nitidez, esse processo de ampliação lexical na linguagem do homem seringueiro, o qual faz uso do conhecido para, assim, denominar o desconhecido. Expõem-se, agora, alguns exemplos dessa forma de enriquecimento vocabular, cada verbete com seus significados e fragmentos do contexto de ocorrência¹.

▶ **Pestana** é um tipo de corte que o seringueiro faz na seringa.

... a pestana é o seguinte ... corta aqui ... digamos aqui ... é dois de do nosso de um lado pro ôtro (...)

▶ **Bandeira** é espaço na seringueira onde é raspado, em forma de bandeira, para a extração do látex.

*... às vezi do jeito que é o risco o cara risca assim aquela **bandêriNa** ... ai às veize com dois palmo ...*

▶ **Boca** é o início da estrada de seringa.

(...) a boca é o camiNo ... o camiNo tem um pra cá e tem ôto pra cá ((gestos)) ... ai a seNora segue esse camim aqui ... e volta por esse

▶ **Espigão** é o caminho reto que vai da casa do seringueiro para o início da estrada de seringa.

*... que chega no trecho né ... porque a estrada é um tipe assim ... aqui é o **espigão** ... ai vai vai ...*

▶ **Tutano** é algo exagerado, grande, em muita quantidade.

*Pedaço de cernambi ai cê toca fogo aqui por bôxo ... o **tutano** de fumaça sobe ... tá bem pegado a seNora é só ajeitá a borra-cha de novo ...*

¹ Todos os exemplos, expostos nesse trabalho, foram extraídos do acervo do Projeto Centro de Estudos Dialectológicos do Acre – CEDAC, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Luísa Galvão Lessa, dos cadernos desde 1998 a 2001.

- ▶ **Pano** denominação dada à forma como o seringueiro risca a seringa.

(...) *tem vários risco um pertiNo do outo que é o **pano** ... tudo juntino*

- ▶ **Manga** é um pequeno desvio na estrada de seringa.

(...) *ai a gente pega essa **manga** pra cotar ôta seringüera*

- ▶ **Esperai** é o nome dado a um pequeno arbusto, cheio de espinhos, que ao encostar-se à roupa engancha.

(...) *é um mato que tem o nome de **esperai** ... se o caba descuidar fica todo enganchado ... todo arranhado ... é **esperai** pôque agarra mermo (...)*

- ▶ **Escangotado** diz da pessoa cansada, doente, sem ânimo para nada.

(...) *podia a criança tá **escangotado** ... já com febre ... perigoso piorá*

- ▶ **Desarnano** é falar, orientar com insistência.

(...) *a escola era ... aqueles que já sabia lê ... os pai as mãe ficava **desarnano** que ficava analfabeto quem quisesse*

- ▶ **Perna** denominação dada a um lado da estrada de seringa.

... *aí fica a estrada ... d'uma madêra vai pra ôta ... ali é uma madêra e aqui entra a **perna** pra cá*

- ▶ **Pé-de-burro** é um tipo de escada que serve para cortar na parte mais alta da seringueira.

(...) *quando vai empausar derruba os paus pa faze os **pé-de-burro** pa coloca na madêra pa cortá lá em cima sabe*

- ▶ **Balão** é dar uma volta completa na estrada de seringa.

... *só se precisá pegá ... mais a gente vai ... dá ôtro **balão** ... ajuntano o leite nas seringa ...*

- ▶ **Piolho de festa** é pessoa agitada, que frequênta muitas festas.

viche .. *Deus me livre a miNa mãe me chamava de **piolho de festa** ((risos)) gostei de dançá ... aprendi a dançá era bem miudiNa*

- ▶ **Cabrita** é a parte da faca de seringa onde o seringueiro segura para riscar a seringueira.
- ▶ **Sangrar** é ato de extrair o látex da seringueira.
- ▶ **Prancha** é a borracha coagulada.
- ▶ **Monitor** nome da pessoa que vigia o corte de seringa.
- ▶ **Costela** é o nome dado à estrada que tem vários caminhos.
- ▶ **Jacaré sentado** e **cara de gato** são um tipo de traço que se faz na seringueira.
- ▶ **Espinha de Peixe** é o nome dado à seringueira depois de cortada.

Outros processos de criação lexical

Outros processos de ampliação lexical encontrado nos textos trabalhados referem-se ao acréscimo ou a supressão de morfemas. Do verbo precisar o homem seringueiro criou o substantivo *precisão*, denominação dada às necessidades fisiológicas do ser humano: “*tiNa ... pra **fazê as precisão** da gente ... tina lugá assim na mata sabe pra gente **fazê precisão** da gente ... assim (de casa) a gente num vê não sabe é na mata*”. Nesse caso, é provável que a criação desse vocábulo deve-se a tabus da delicadeza.

Em outro vocábulo, o informante acrescentou o prefixo *-em* e o sufixo *-zar* no substantivo pau, formando o verbo *empauzar*, para denominar o ato de enviar pedaços de paus na seringueira: “(...)
*quando vai **empauzar** derruba os paus pa faze ... pa coloca na m-
dêra pa cortá lá em cima sabe*”. Processo semelhante ocorreu com o verbo embutir, que derivou o substantivo “*botidô*”, denominação dada ao local de botar a tigela para receber o leite da seringa: “*a gente no seringal acorda cedo ... ai vai cortar a seringa ai faz risco ... embaixo faz um **botidô** pra colocar as tigela...*”

No adjetivo sacrifício acrescentou o sufixo *-oso* para enfatizá-lo: “*passemo foi munto tempo lá inda ... ai mar lá era munto sacrificoso ... difíce né*”. O mesmo ocorreu com o neologismo *braçalmente*, criado para intensificar o trabalho daqueles que vivem da extração do látex: “*(...) cortá seringa é um serviço duro né ... é braçalmente o trabalho né*”.

CONCLUSÃO

A língua é dinâmica e assim sendo está em plena transformação. Absorve facilmente palavras de outras línguas, revive outras já esquecidas, busca criar, adaptar e renovar o seu uso em prol da comunicação, fato da liberdade que a língua nos oferece.

Os neologismos chegam até nós, principalmente, pelos meios de comunicação, o qual favorece o conhecimento de significados que podem ser empregados por nós quando precisamos e não os temos em nosso vocabulário.

Na linguagem do homem seringueiro podemos encontrar neologismos na utilização de palavras já conhecidas por ele, e reutilizadas para nomear algo que ainda não tenha definição própria. Isso ocorre devido à falta de acesso aos meios de comunicação, o que torna o vocabulário restrito e a necessidade de reutilizar as poucas palavras já conhecidas por ele.

A informática tem desempenhado papel importantíssimo na aquisição de novas palavras, pela facilidade com que elas chegam até nós e pela dificuldade que daria para substituí-las por outras.

Essa abertura para reaproveitar palavras de outras línguas é muito vantajosa por ser criativa; pois fechar a língua de um povo é estar tomando dele a possibilidade de se desenvolver social e culturalmente.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo – Criação lexical*. 1ª ed. São Paulo : Ática, 1990.

INFANTE, Ulisses. *Curso de Gramática aplicada aos textos*. 2ª ed. São Paulo : Scipione, 1995.

ARAÚJO, Evanéa Barros de. *Glossário: A linguagem Acreana – um estudo comparativo nas Zonas de Rio Branco, Plácido de Castro e Xapuri*. Rio Branco : CEDAC, 2000.

———. *Glossário: O seringueiro acreano: lendas, tradições e costumes*. Rio Branco : CEDAC, 2001.

O LÉXICO DO PORTUGUÊS VOCÁBULOS PRIMITIVOS E DERIVADOS SIMPLES E COMPOSTOS

Alberlene S. Nogueira Oliveira (UFAC)

José Eudes de Moura (UFAC)

José Progênio Ribeiro (UFAC)

Valcilda Bezerra de Amorim (UFAC)

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo fazer um estudo descritivo do léxico do português. Neste caminho trabalharemos a língua portuguesa desde as formas mais primitivas às contemporâneas, compreendendo a língua como fator primordial de comunicação e socialização no processo de ensino-aprendizagem.

Aos fatos de língua estão as criações dos falantes, em permanente compor de formas novas de expressar a cultura, de deixar para traz um termo que pode não mais traduzir o que o mundo pretende com a modernidade. Outras palavras podem sobressair-se intactas durante gerações. Então ao falante, com o uso dinâmico da língua, criatividade empreendida a cada evento de fala, de voz e de escrita, deixando-nos ver o quanto são vivas as formas de expressar fatos, sentimentos, coisas, o próprio irreal e o real, o sensível e o insensível.

A língua é o espelho do próprio homem pois não há outra forma senão pela língua que ele busca sua felicidade e até sua decepção diante da complexidade das coisas do mundo. Mas a língua, com seu poder de comunicação, torna esse homem potente, capaz de criar novas palavras e nomear coisas e sentimentos que precedem as palavras. A língua é a alma do homem, a condição para que ele constitua o ser não vazio diante do universo.

O QUE É LÉXICO

Conjunto de vocábulos de um idioma. (Aurélio. *Dicionário da língua portuguesa*)

O léxico de uma língua é o seu inventário de morfemas juntamente com a informação sobre a maneira como tais morfemas podem ser combinados para formar unidades lexicais mais complexas assim como as palavras. (Ronald W. Langacker)

O Léxico Português

O português é o latim numa evolução de vinte séculos ao qual cedo se incorporaram elementos gregos das línguas indígenas da península Ibérica, bem como dos conquistadores godos e árabes e, posteriormente, uma quantidade enorme de palavras francesas, provençais, italianas, espanholas, inglesas, alemães e, também das línguas africanas, asiáticas e americanas. (Celso Cunha)

Metaplasmos

Genericamente, um metaplasmo é uma alteração intencional do código, é exercício de criatividade sobre a língua. Os metaplasmos são praticados nos diversos níveis do lingüístico: gráfico, ortográfico, fonológico e gramatical.

Nosso interesse está focado no uso retórico dos metaplasmos, mas uma parte dos metaplasmos criados se difunde pelo uso e acaba levando a alterações diacrônicas do idioma. Além disso existe uma relação estreita entre a criação dos metaplasmos para uso retórico e a criação de léxico e gramático.

A seguir alguns exemplos de metaplasmos

- *Ícônico* – O metaplasmo cria uma iconia. Ex: Uma empresa de laticínios deu a um dos seus produtos o nome de *mu-mu*.
- *Extrapolação* – O metaplasmo vem de extrapolação das características do código. Caso típico é a criação de palavras a partir de morfemas da língua. Ex.: desimpaciente, desinquietao.
- *Cobertura de defectividade* – Quando o código é defectivo, às vezes esta defectividade é suprimida com um metaplasmo. Ex.: o verbo *falir*, na tentativa de expressá-lo na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo.

- *Metaplasmos clássicos* – São típicos na poesia anterior ao modernismo. Visam basicamente a regularizar a métrica. Costumam ser divididos em fonológicos: elisão, sinérese, diérese etc., e morfológicos: prótese, síncope, apócope, etc.

- *Elíptico*: Resultam da elipse de parte de um termo.

Criação de léxico e Gramática

Para alguns autores conhecidos, “Saussure já dizia que tirando algumas exceções de signos lingüísticos icônicos, como são as onomatopéias, a larga maioria dos signos lingüísticos tem relação obrigatória com seu significado”. Realmente assim é para o signo enquanto coisa. Já com relação aos mecanismos de formação de nomes e neologismos, dizemos que os homens atuais não gozam da mesma liberdade total para criar palavras como os homens dos primeiros tempos que as nomeavam conforme a primeira sensação que lhes cansava o contato com as coisas. A arbitrariedade da criação de léxico e gramática é a exceção.

Na grande maioria dos casos os nomes e os neologismos se formam a partir de palavras existentes, por vários meios, raramente arbitrários, muitos deles derivados de mecanismos de associação de significados. Os mecanismos de criação de léxico e gramática costumam ser os mesmos com que se fazem os metaplasmos.

Classificamos aqui alguns mecanismos pela relação entre a origem e o resultado.

- *Por elipse* – Elimina-se parte da origem. Ex: “foto” por fotografia, “pneu” por pneumático

Siglas: “ONU” por Organização das Nações Unidas

- *Por junção* – Afixação. O caso mais comum é o dos afixos que são morfemas.

- *Condensação* – Ex: “embora” por “em boa hora”. Não deixa de ser um mecanismo de elipse.

- *Justaposição* – Ex: “guarda-chuva”

- *Por polissemia* – Metafórica, metonímica, arbitrária, irônica, alegórica. Por polissemia é criada boa parte do léxico de informática, que é uma área fervilhante no aspecto lingüístico.

Vejamos estes termos: mouse, menu, surfar, web

- *Por empréstimo* de outro léxico. Ex.: “garçom”
- *Por criação arbitrária*. Ex.: “cabeça da ponte”.
- *Por derivação gramatical*. Ex.: “as crianças pintaram o sete”.

Simbolização

A criação de léxico é criação de símbolos. Um símbolo é uma coisa que representa outra coisa convencionalmente em dados contextos da cultura. A simbolização é uma categoria antropológica. Na lingüística a simbolização tem uma característica especial: o símbolo é palavra e como tal na maioria dos casos tem uma relação arbitrária com a coisa simbolizada. Mas o significante que origina o símbolo, na origem do processo, geralmente, se referia a outra coisa, a algo que mantinha com o simbolizado uma relação especial, não arbitrária. Assim se a locução “Calcanhar de Aquiles” simbolizada a fraqueza é inegável a arbitrariedade da relação entre o significado “fraqueza” e o significante “Calcanhar de Aquiles” mas igualmente é inegável a não arbitrariedade entre o significado “fraqueza” e o significado imediato de “calcanhar de Aquiles”. Neste sentido a simbolização lingüística raramente é arbitrária. A rigor estamos diante de dois símbolos: o primeiro é a palavra tomada como coisa, o segundo é o sentido imediato, original da palavra.

A origem da simbolização lingüística geralmente é metafórica ou metonímica. A relação entre a coisa significada e seu significante geralmente é arbitrária, eventualmente icônica.

Vocábulos Primitivos

Segundo palavras relevantes dos nossos excelentes gramáticos e professores José de Nicola & Ulisses Infante (1991:70), em sua *Gramática contemporânea da língua portuguesa*,

A morfologia é a parte da Gramática que se dedica ao estudo da palavra, tomando-a como ente isolado e completo em si mesmo. Preocupa-se com a estrutura e formação das palavras, suas flexões e sua classificação. Tradicionalmente, a morfologia é estudada a partir da análise da estrutura dos vocábulos, seguida da investigação dos processos utilizados pela língua na criação de suas palavras. Passa-se posteriormente, ao estudo detalhado de cada uma das dez classes gramaticais, incluindo as respectivas flexões.

Isto posto nos conduzirá ao estudo das palavras primitivas de nossa língua para, posteriormente, ingressarmos no estudo dos processos de (trans)formação que sofrerão ditas palavras primitivas. Estes processos trazem, como conseqüência, a formação dos novos vocábulos.

Entende-se por palavra primitiva aquela que serve de base para originar, a partir de processos de derivação, novos termos, que servirão para enriquecer o sistema lexical da língua portuguesa. Como exemplo de (trans)formação da palavra primitiva podemos acrescentar, dentre outras, estas palavras: livro, gato e moço, que servirão de base para formar, respectivamente: livrinho, livreiro, livraria; gatinho, gatão, gatuno e moça, moçada, mocetão, que constituem palavras derivadas.

Ao estudar as palavras que formam nosso léxico, principalmente as primitivas, estaremos penetrando em seu íntimo e conhecendo suas várias partes, de modo a formar um todo acabado e repleto de significação; e, saber estudar a estrutura das palavras primitivas não é apenas saber decompô-la em seus elementos constituintes, mas também saber como, a partir delas, compor uma nova palavra.

Portanto, são os vocábulos primitivos a peça motriz que conduz todo o conjunto lexical da língua portuguesa a um processo de constante renovação.

Vocábulos Derivados

O acervo lexical de qualquer língua é constituído fundamentalmente de um primitivo e profissional que se formou com ela, dando-lhe feição fornecendo os moldes para as aquisições ou criações posteriores.

Na língua portuguesa, tal acervo é representado por palavras herdadas do latim falado na Lusitânia e que ainda hoje são empregadas. Outras palavras surgiram por importação, ou seja, trazidas de outras línguas depois de já formada a nossa. Além destas, há os vocábulos formados em nosso próprio idioma.

Será útil, antes de prosseguir a distinção entre palavra e vocábulo.

O conceito de vocábulo diz respeito a uma estrutura ou a uma unidade construída de morfemas. Segundo o renomado professor Celso Ferreira Cunha (1976:142), “vocábulo é a menor unidade significativa autônoma da frase, constituída por um ou mais morfemas, associados segundo uma ordem própria da língua”.

É difícil definir palavra, porém Flávia de Barros Carone (1995:32) apresenta uma solução para esta lacuna: “A coesão interna da palavra pressupõe dois fatores: a inseparabilidade e a irreversibilidade de seus componentes”.

Vejamos o seguinte poema:

Como será a escuriza
Desse mato-virgem do Acre?
Como serão os aromas
A macieza ou a aspereza
Desse chão que é também meu?

(Mário de Andrade. *Acalanto do seringueiro*)

Diz-se derivada a palavra resultante de outra fundamental. O vocábulo “escuriza” só é possível no léxico do português, graças a um processo para a formação de novas palavras: a derivação.

Em português, a derivação é o procedimento gramatical mais produtivo para o enriquecimento do léxico. Consiste em formar palavras novas a partir de uma outra já existente dando-lhe uma idéia acessória, mas sem alterar-lhe a significação fundamental. Realiza-se sobre apenas um radical, ao qual se articulam formas presas, os afixos.

xos: em posição anterior, os prefixos; em posição posterior, os sufixos.

Valter Kehdi nos chama a atenção para certos prefixos “que têm uso autônomo, como se possuem preposições; é o caso de *contra* e *entre*.”

O processo de derivação não tem um limite necessário, pois os recursos da língua estão à disposição de todos. A derivação é um processo que se desdobra em:

- a) DERIVAÇÃO PREFIXAL E SUFIXAL
- b) DERIVAÇÃO PARASSINTÉTICA
- c) DERIVAÇÃO REGRESSIVA E ABREVIACÃO
- d) DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA OU CONVERSÃO

O inventário dos afixos que se agregam ao radical de uma palavra primitiva é fechado, portanto, são raras novas criações na história da língua. Prefixos e sufixos podem conviver numa só palavra e seu número não é restrito como em *superdesvalorização*.

Alguns sufixos, embora considerados de grau dimensivo, não exprimem grau em determinadas palavras como *casinha*, *amorzinho*, *agorinha*. Têm uma feição afetiva que não constitui dimensão de aumentativo ou diminutivo.

Na derivação regressiva, a palavra nova é formada pela redução da palavra derivante por uma falsa análise da sua estrutura. A derivação regressiva tem importância maior na criação de substantivos deverbais ou pós-verbais, formados pela junção de uma das vogais – *o*, –*a*, –*e* ao radical do verbo, tais como: *vôo*, *consolo*, *corte*, *pesca*, *toque*, etc.

Com base em Flávia de Barros Carone salienta vemos que “o povo criador e dono da língua continua a usar o processo, dizendo com muita propriedade: *estou num sufoco; ele fez um tremendo agito; amanhã dou um chego na tua casa.*”

A adjunção simultânea de um prefixo e um sufixo a um radical é chamado de parassíntese, processo não consignado pela NGB:

enforçar (en + força + ar)

entristecer (en + triste + cer)

Por este processo se formam essencialmente verbos, de base substantiva e de base adjetiva.

Parassintéticos verbais de base substantiva: acorrentar, afadigar, ajoelhar, esfarelar, enrijar, esburacar, esvoaçar, abotoar, afugentar etc.

Parassintéticos verbais de base adjetiva: afeiar, afrancesar, amolecer, emudecer, ensurdecer, esquentar etc.

Parassintéticos de outras classes não se formam com facilidade dentro dos domínios da Língua Portuguesa.

Valter Kehdi afirma que “a parassíntese não pode ser conceituada com base exclusiva na simultaneidade dos afixos; o exame de subsistemas, bem como a análise do aspecto semântico, são também critérios indispensáveis para a caracterização desse processo de formação vocabular”.

A abreviação é um fenômeno semelhante ao da derivação regressiva, mas caracterizado por outros traços específicos; na abreviação, ocorre redução do vocábulo, porém ele permanece na mesma classe gramatical:

pornográfico (adj.) – pornô (adj.)

fotografia (subst.) – foto (subst.)

A derivação imprópria é um tipo especial de derivação, visto que a nova palavra não sofre alteração em sua forma primitiva, apenas adquire aplicação diferente na frase, mudando de classe gramatical. Por isso, só é possível identificar no contexto. Veja:

“O inútil tem sua forma particular de utilidade”. (C.D. de Andrade)

“Governar é preciso, esperar não é preciso”. (C.D. de Andrade)

Nessas frases, o adjetivo inútil e os verbos *governar* e *esperar* são usados como substantivos.

A substantivação é o exemplo mais típico de derivação imprópria: “Dormia esquecida dos meus ais” (M. Bandeira)

O professor Roberto Melo Mesquita (1999:137), em sua *Gramática da Língua Portuguesa*, aponta também um outro processo de formação de palavras: Palavra-valise.

Segundo ele, “palavra-valise é uma redução que utiliza parte de duas palavras primitivas para formar uma palavra nova:

elefantástico (elefante + fantástico)

portunhol (português + espanhol)

brasilguaio (brasileiro + paraguaio)”

Gilberto Gil já usava este recurso em uma de suas canções: “Que aproveite a vazante da infomaré” (informar + maré).

Há ainda outros processos segundo o autor acima (1999:137):

Criação semântica

“Embora esquecido pelas gramáticas em geral, um dos mais importantes processos de criação de palavras se dá pela mudança de significado de uma palavra já existente”.

Estrangeirismo

“Estrangeirismo é o emprego de palavra estrangeira em frases de língua portuguesa. Veja:

“Criar meu *web site*

Fazer minha *home page*”

As palavras estrangeiras incorporadas à língua pelo uso constante podem ganhar ortografia portuguesa e/ou originar novas palavras por meio de processos típicos do português. Veja:

portfólio
cachê
xampu

estressar
checar
bookar (= agendar modelos)”

Vocábulos Simples

As palavras que possuem apenas um radical, sejam primitivas ou derivadas, se denominam simples. Ex: *encarado, seca, pedreiro, vontade* etc.

Vocábulos Compostos

Composição

Composição designa a formação das unidades semânticas a partir de elementos léxicos suscetíveis de ter por si mesmos uma autonomia na língua. Geralmente, opõe-se à *derivação* que constitui as unidades léxicas novas correspondendo estas de um estoque de elementos não independentes. Às derivadas, opõem-se assim as palavras compostas como: lobisomem, fã-clube, pé-de-vento, planalto, embora etc.

Segundo Dubois (1993:127),

Não são rigorosos os processos de composição, pois sabe-se que em francês, por exemplo, a nomenclatura tradicional não reconhece diversos termos como compostos cujos componentes se apresentam graficamente ligados (*portefeuille*, “carteira”) ou separados por um traço de união (*chou-fleur*, “couve-flor”). Por evolução recente os lexicólogos tentam definir os processos de composição. Assim, considera-se que *estrada de ferro* diria respeito ao processo lingüístico da composição.

Palavra composta, segundo Cereja & Magalhães (1999:337):

...na fusão das palavras podemos dizer que a composição ocorre por justaposição ou por aglutinação: Por justaposição, quando as palavras associadas preservam, cada uma, sua autonomia fonética. Permanece então seu acento tônico e seus fonemas. Ex.: pé-de-moleque, dia-dia, guarda-mirim. Por aglutinação quando as palavras componentes se fundem num todo fonético, com um só acento tônico, sendo a primeira palavra que perde parte de seus elementos, em comum o acento tônico, a vogal ou a consoante. Ex.: planalto *plano + alto*; embora *em + boa + hora*.

A formação de palavras pode provir da reunião de elementos de línguas diferentes, podendo ser por derivação ou por composição. A esse fenômeno chamamos *hibridismo*. Ex.: automóvel *auto: grego + móvel: latim*; burocracia *buro: francês + cracia: grego*.

Há a formação de palavras que guardam a finalidade de imitar sons e ruídos produzidos por vários mecanismos como sinos, armas de fogo, soco, campainhas, veículos, instrumentos musicais, vozes de animais etc. Ex.: blém-blém, ratatátá, zunzum, tic-tac, zás-trás, etc.

CONCLUSÃO

Vimos que o léxico é o conjunto de palavras que formam a língua de uma comunidade lingüística. Mesmo constatando que grande fonte do léxico português é o latim, também encontramos muitas palavras de origens diversas.

Atualmente a língua portuguesa sofre grande influência da língua inglesa e que diversos autores consideram como contribuição lingüística a nossa língua. Outros, no entanto, advertem sobre um possível exagero dessa influência no idioma nacional.

Por fim, é importante salientar que o léxico continuará sempre aberto às novas incorporações. Apesar de muitas palavras caírem em desuso, outras tantas serão inseridas à máxima de que o léxico não é estático.

BIBLIOGRAFIA

BASTOS, Lílian da Rocha et alii. *Manual para a elaboração de projetos e relatórios de pesquisa, teses, dissertações e monografias*. 5. ed. Rio de Janeiro : Livros Técnicos e Científicos, 2001. 132 p.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. São Paulo : [s.n.], 1999.

CEREJA, William Roberto., MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagens*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo : Atual, 1999. 390 p. (Vol. 1).

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro : FENAME, 1976.

CUNHA, Celso. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. 9. ed. atual. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1986.

DUBOIS, Jean et alii. *Dicionário de lingüística*. 9. ed. São Paulo : Cultrix, 1993.

FERNANDES, Francisco et alii. *Dicionário brasileiro globo*. 46. ed. São Paulo : Globo, 1995.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Ver. e ampl. [Rio de Janeiro] : Nova Fronteira, 1999.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 3. ed. Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 1975.

HÜBNER, Maria Martha. *Guia para elaboração de monografias e projetos de dissertação de mestrado e doutorado*. São Paulo : Mackenzie, 2001. 80 p.

KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. São Paulo : Ática, 1992. 64 p. (Série Princípios).

LANGACKER, Ronald W. *A linguagem e a sua estrutura*. 3. ed. Petrópolis:- Vozes, 1977.

LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 19. ed. Rio de Janeiro : J. Olímpio, 1978.

MARTINS, Gilberto de Andrade. *Manual para elaboração de monografias e dissertações*. 2. ed. São Paulo : Atlas, 2000. 120 p.

MESQUITA, Roberto Melo. *Gramática da língua portuguesa*. 8. ed: São Paulo : Saraiva, 1999.

NICOLA, José de., INFANTE, Ulisses. *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. São Paulo : Scipione, 1991.

RIBEIRO, Manoel P. *Nova gramática aplicada da língua portuguesa*. 11ª ed. Rio de Janeiro : Metáfora, 2000.

ÍNDICE ONOMÁSTICO DOS AUTORES

1.	<i>Adaete Abreu Loureiro</i>	20
2.	<i>Albertene S. Nequeira Oliveira</i>	80
3.	<i>Albetixa Rodrigues Vieira</i>	53
4.	<i>Alexandre Bandeira de Menezes</i>	20
5.	<i>Amilene da Silva Freire</i>	41
6.	<i>Cacilda Barbosa Santiago</i>	31
7.	<i>Divaneusa Albuquerque</i>	31
8.	<i>Elenir de Oliveira Machado</i>	07
9.	<i>Evanéa Barros de Araújo</i>	72
10.	<i>Francisco Cláudio Lopes</i>	53
11.	<i>Gercineide Maia de Sousa</i>	41
12.	<i>Girlândia de Sousa Pereira Calderon</i>	72
13.	<i>Jacqueline Saturnino de Sousa Medeiros</i>	20
14.	<i>José Eudes de Moura</i>	80
15.	<i>José Progênio Ribeiro</i>	80
16.	<i>José Tadeu Silva Araújo</i>	41
17.	<i>Maria Aniceta Cacau Nunes</i>	53
18.	<i>Maria Francineide</i>	31
19.	<i>Maria Guiomar Ramos</i>	20
20.	<i>Ozeias Moreira da Costa</i>	41
21.	<i>Priscila Brügger de Mattos</i>	14
22.	<i>Raimunda Rodrigues da Costa</i>	20
23.	<i>Rainise Pereira Lima</i>	41
24.	<i>Rosilla Maria Oliveira da Cunha</i>	53
25.	<i>Sérgio Torres dos Santos</i>	53
26.	<i>Stalin Che Guevara S. Melo</i>	31
27.	<i>Terezinha Góes</i>	31
28.	<i>Valcilda Bezerra de Amorim</i>	80